

CARLA FERNANDA FERREIRA GUEDES

*Sujeitos Negativos e Concordância Negativa em Português
numa perspectiva de Síntaxe Comparada*

Porto, Outubro de 2001

CARLA FERNANDA FERREIRA GUEDES

*Sujeitos Negativos e Concordância Negativa em Português
numa perspectiva de Síntaxe Comparada*

*Dissertação de Mestrado
em Língua Portuguesa
Descritiva apresentada à
Faculdade de Letras da
Universidade do Porto*

Porto, Outubro de 2001

AGRADECIMENTOS

A minha gratidão vai antes de mais para a minha orientadora, Professora Doutora Ana Maria Brito, por me fazer acreditar que eu era capaz e que o meu trabalho tinha valor. Devo-lhe ainda grande parte da minha formação teórica em Sintaxe. Para além disso, tenho a agradecer a leitura sempre exigente do meu trabalho, as constantes correcções e discussões, um sem número de ideias, materiais, compreensão e muito carinho.

A Professora Doutora Fátima Oliveira e o Professor Doutor Sérgio Matos tiveram também uma parte importante na minha formação em Semântica e Pragmática, respectivamente, sem a qual não teria conseguido ter uma visão completa do fenómeno que estudei.

Aos professores da Faculdade de Letras do Porto, em especial ao Professor Doutor Mário Vilela, agradeço por ter desenvolvido em mim o gosto pela linguística e pela investigação e à Dra. Fátima Silva pela força e pelo espírito de perseverança que sempre me transmitiu.

Escrever esta dissertação teria sido um trabalho muito solitário se não tivesse sido pelo carinho e apoio dos colegas de Mestrado, em especial da Paula, da Cândida, da Sofia e do António. Agradeço ainda aos meus alunos e colegas de trabalho sempre tão compreensivos e prontos a facilitarem-me a vida para eu poder ter mais tempo para estudar. À Rosa Maria, à Maria de Deus, à Regina e à dona Lurdes, a minha gratidão pela preocupação e por terem tornado o ano 2001 muito especial.

À Raquel pela amizade e por me ter apresentado a Irene Carvalho a quem devo a preciosíssima ajuda com o Afrikaans.

À Zé Flores, em que eu nunca deixei de pensar, em especial nos momentos em que me apeteceu desistir. Com ela aprendi a ser rigorosa, organizada e auto-reflexiva.

O último, mas o melhor lugar é sempre para a família: à minha filha, obrigada Inês por dispensares a mãe durante tantas horas dos teus primeiros anos de vida e por me “obrigares” a brincar contigo, fazendo-me descontraír. À minha mãe pelo esforço, pela ajuda que sempre me deu, e por acreditar que eu podia ir mais longe. Aos meus sogros por estarem sempre dispostos e disponíveis para ajudarem e tomarem conta da Inês. Às minhas irmãs e irmãos, sobrinhas e sobrinhos por me fazerem sentir alguém especial.

Finalmente, mas longe de ser o menos importante, ao Rui: sem ti não me teria sequer inscrito. A tua força foi a minha força; a tua fé foi a minha fé. Obrigada por acreditares.

Índice:

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO 1: Considerações gerais sobre negação	
1.1. Introdução	7
1.2. Diferentes tipos de marcadores negativos.....	8
1.3. Tipos de negação: negação lexical, negação de constituintes, negação frásica	10
1.4. Formas de expressão negativa: marcadores negativos e palavras negativas.....	12
1.5. O comportamento de <u>não</u> em PE em frases imperativas.....	14
1.6. O comportamento de <u>não</u> em interrogativas de Sim/Não: o valor “expletivo” de <u>não</u>	15
1.7. O valor negativo de <u>sem</u>	16
1.8. O valor negativo de <u>nem</u>	17
1.9. Breve caracterização do comportamento das palavras negativas em Português: o fenómeno da concordância negativa.....	18
1.10. Palavras de polaridade positiva em frases negativas em Português	20
1.11. Concordância negativa; polaridade negativa; cancelamento da negação; negação expletiva	21
CAPÍTULO 2: Estrutura da frase negativa e posição dos Sujeitos Negativos	
2.1. Introdução	25
2.2. Alguns aspectos da estrutura da frase negativa	25
2.2.1. A negação frásica: a proposta de Pollock (1989)	25
2.2.2. A proposta de Belletti (1990)	35
2.2.3. A proposta de Gonçalves (1994)	37
2.3. A questão da posição e natureza dos sujeitos negativos.....	40
2.3.1. Haegeman (1993).....	40
2.3.2. Gonçalves (1994).....	41

2.3.3. A proposta de Laka (1990).....	46
2.3.4. A proposta de Martins (1997).....	51
2.3.5. Razões a favor de que os sujeitos negativos ocupem uma posição argumental..	57
CAPÍTULO 3: Concordância Negativa em Português e em Afrikaans	
3.1. Dupla Negação vs Concordância Negativa – algumas reflexões	66
3.2. Tratamentos da Concordância Negativa	74
3.2.1. A Proposta de Ladusaw (1996)	74
3.2.2. A Proposta de Peres (1995).....	76
3.2.3. A Proposta de Martins (1997)	78
3.2.4. A Proposta de Matos (1999/2000/ no prelo)	82
3.3. Algumas propostas para o tratamento sintáctico da Concordância Negativa em Português, Francês e Afrikaans	87
3.3.1. Em Português.....	87
3.3.2. Em Francês	94
3.3.3. Em Afrikaans.....	97
3.3.3.1. Algumas considerações sobre o estatuto sócio-histórico-cultural do Afrikaans ...	97
3.3.3.2. Análise de alguns aspectos sintácticos da negação.....	99
CONCLUSÕES	110
BIBLIOGRAFIA	113

Introdução

A aprendizagem de outras línguas, para além do Português, cedo me atraiu para a grande variedade de possibilidades que as línguas apresentavam para negar. Depois, o contacto que tive com falantes nativos do Afrikaans permitiu-me perceber que esta língua apresentava uma particularidade muito interessante: no final de qualquer frase negativa aparecia sempre um **nie**. A minha curiosidade aumentou e decidi aprender um pouco mais sobre a negação.

Assim, este trabalho tem como primeiro objectivo a análise de alguns procedimentos usados pelos falantes de uma determinada língua para levar a cabo um acto de negar. Em segundo lugar, procuraremos desenvolver um estudo sobre a estrutura da frase negativa, em especial sobre o fenómeno da Concordância Negativa, por oposição à Dupla Negação, nas línguas românicas e germânicas. Finalmente, tentaremos encontrar pontos de contacto entre duas línguas tão distintas como o são o Português (língua românica) e o Afrikaans (língua germânica), procurando uniformizar a análise estrutural das frases negativas nestas duas línguas.

Assim, esta dissertação está organizada em três capítulos que por sua vez se encontram divididos num determinado número de sub-capítulos.

No primeiro capítulo, são tecidas considerações gerais sobre a negação e é analisado o comportamento das palavras negativas, nomeadamente no que diz respeito ao fenómeno da Concordância Negativa.

Numa segunda parte, procedemos ao estudo da estrutura da frase negativa; analisamos a questão da posição e natureza dos sujeitos negativos, tentando provar que estes, sendo argumentos do verbo, deverão ocupar uma posição A (argumental) na estrutura da frase.

No terceiro e último capítulo, analisamos os fenómenos da Concordância Negativa e da Dupla Negação nas línguas românicas e germânicas, dando especial relevo ao Português Europeu e ao Afrikaans.

CAPÍTULO 1:

Considerações gerais sobre a negação

CAPÍTULO 1: Considerações gerais sobre negação¹

1.1. Introdução

Todos os sistemas de comunicação humanos incluem uma representação da negação. Se, por um lado, não somos os únicos animais com a faculdade de comunicar, somos, por outro lado, os únicos que, à partida, têm um sistema verbal próprio para negar, recusar, contrariar e lidar com a contradição.

Assim sendo, poderemos definir *negar* do ponto de vista semântico como uma operação sobre proposições que consiste em fazer corresponder a cada proposição a sua negação: verdadeira se a primeira é falsa e falsa se a primeira é verdadeira.

Do ponto de vista pragmático, a operação de negar um estado de coisas equivale a apresentar tal estado de coisas como inexistente na realidade extra-linguística. Negar é, então, expressar a inexactidão, a irrealidade ou a não-realização de um facto.

Do ponto de vista da análise linguística, interessa em particular analisar o conjunto de procedimentos usados para levar a cabo um acto de negar. Em Português Europeu, o mais comum desses procedimentos reside na anteposição do advérbio **não** ao verbo, obtendo como resultado uma frase que declara a inadequação entre sujeito e predicado, ou da proposição inteira com a realidade extra-linguística – é a chamada negação frásica, toda a frase fica dentro do âmbito da negação². Veja-se o exemplo (1 a) e (1 b).

¹ A introdução deste capítulo deve-se, em grande parte, à leitura de textos de Lopez (1999) e de Matos, inclusive de textos no prelo, a que tive acesso durante a redacção da dissertação.

² “...ámbito de la negación, (...) se entiende por tal el dominio sintáctico sobre el que la negación tiene efecto (...)” in Lopez, (1999: 2569)

- (1) a. O filme foi bom.
b. O filme **não** foi bom.

Em Português Europeu, e em muitas outras línguas, existe igualmente a possibilidade de construir frases negativas por outros processos, para além da negação frásica. Vejam-se os exemplos (2), (3) e (4):

- (2) a. Todos estiveram no concerto.
b. **Nem todos** estiveram no concerto.
- (3) a. Alguma pessoa lavou o carro hoje.
b. **Ninguém** lavou o carro hoje.
- (4) a. O António chamou alguns amigos para brincar.
b. O António **não** chamou **nenhum** *amigo* para brincar.

Apesar de exibirem diferentes formas de expressão de negação, a que mais tarde se voltará, todos os exemplos acima apresentados têm um valor negativo. Ao valor negativo que elas exprimem dá-se o nome de *polaridade negativa*. Por outro lado, qualquer frase que não contenha uma marca específica de negação exibirá *polaridade positiva*. Em Português Europeu, este tipo de polaridade tem como marcador principal a partícula **sim**.

1.2. Diferentes tipos de marcadores negativos

Se pensarmos que, em termos de economia de língua, com meios finitos podemos obter uma produção infinita de enunciados, é mais fácil entender que apesar de poderem empregar um grande número de elementos e estratégias para negar, as línguas recorrem a um número muito limitado de formas para o fazer.

Uma dessas formas consiste no emprego de um conjunto de elementos que se denominam “marcadores negativos”, e cujo número é muito reduzido, assim como também o é a variedade de posições que estes elementos podem ocupar na frase. São eles, por exemplo, *n't* (*not*) em Inglês; *ne pas* em francês, *não* em Português, *nie* em Afrikaans, *niet* em Russo; *na-i* em Japonês...

O estudo deste fenómeno linguístico em diferentes línguas revela que alguns marcadores negativos ocorrem sempre imediatamente à esquerda do verbo, são os marcadores negativos pré-verbais, como é o caso do Português, como se vê em (5 a) e (5 b), do Italiano padrão (6), do Espanhol (7).

(5) a. O João **não** *gosta* de bolos.

b. A Maria queria um vídeo mas o pai **não** *lho deu*.

(6) Gianni **non** *ha visto* sua madre.

(7) Juan **no** *ha llamado* a su madre.

Este tipo de marcador surge tipicamente adjacente ao verbo, marcado temporalmente, e só clíticos pronominais podem ser colocados entre eles, como mostra o exemplo (5 b).

Outros marcadores negativos, os pós-verbais, ocorrem sempre depois do verbo, à direita dele, em línguas como o Inglês (exemplo (8 a)) e algumas variedades do Norte de Itália. Estes marcadores seguem o verbo mas de forma distinta da dos marcadores que o precedem, isto é, podem ser separados, por exemplo, por advérbios como em (8 b):

(8) a. John *does* **not** like cakes.

b. The handshake *was* **not strongly** shaken.

Estes dois tipos de marcadores, pré e pós-verbais são, geralmente, os meios usados pelas línguas românicas e germânicas para negar. No entanto, línguas há que necessitam de os combinar, como o Francês, onde estes dois tipos de marcadores co-ocorrem. Veja-se o exemplo (9). Nesta língua, o marcador negativo pré-verbal parece não ter capacidade de expressar a negação sozinho. Co-ocorre então com outro marcador pós-verbal que é o que transporta a força de negação.

(9) Jean **n'aime pas** des gateaux.

A etiqueta *marcador negativo* até agora aqui usada não abrange todas as palavras que podem, por si sós ou em conjunto com outras, estabelecer a negação.

1.3. Tipos de negação: negação lexical, negação de constituintes, negação frásica

A ideia de negação compreende fenómenos de tipo diverso, assim como meios linguísticos igualmente distintos. Em Português Europeu é possível fazer a distinção entre três tipos de negação. Temos, por um lado, a *negação lexical*, que inclui todos os procedimentos morfológicos usados para expressar contradição ou exclusão de um conceito, como por exemplo os prefixos *in-*/*im-*; *des-*; *a-*, ou a natureza quase prefixal de **não** em frases como (10 a) e (10 b). É um tipo de negação que afecta unicamente a unidade lexical, sem produzir efeitos sintácticos na frase que a contém. Assim, se o prefixo negativo não converte em negativa a frase em que se insere, então também não pode licenciar outros elementos polares, como se pode ver pelos exemplos (11a) e (11b), (12a) e (12b). Porém, (13), cujo elemento prefixado parece ter a propriedade de ser um indutor negativo, constituirá um contra-exemplo, o que se poderá dever ao facto de as negações fazerem parte de orações diferentes.

(10) a. É **impossível** que ele tenha feito isso, porque ele estava comigo nesse dia.

b. O pessoal **não**-docente não pôde participar na festa de benevolência.

(11) a. *Construir uma carreira em dois dias é **impossível** para **ninguém**.

b. Construir uma carreira em dois dias **não** é possível para **ninguém**.

(12) a. *O António comeu o gelado e a Sónia *também não*.

b. O António **não** comeu o gelado e a Sónia *também não*.

(13) É **impossível** que **ninguém** queira comprar o carro.

Para além da negação de uma palavra, podemos ter ainda a negação de todo um constituinte, menor que a frase, sendo que a negação afecta unicamente o sintagma que precede. Na maior parte das vezes esta negação corresponde a estruturas correctivas, em que se nega um elemento para se afirmar outro no seu lugar, como em (15) e (16).

(14) **Não** *muita gente* partilha dessa opinião.

(15) Gosto **não** *de bolos* mas de bolachas.

(16) O João lia **não** *livros* mas revistas.

Por fim, a *negação frásica*, aquela em que a negação afecta toda a frase e que pode ser ilustrada pelo tipo de enunciado negativo marcado que é claramente verdadeiro quando o seu duplo afirmativo é falso. Desta forma, os exemplos (17a) e (18a) poderiam ser parafraseados por (17b) e (18b) respectivamente, assim como as suas correspondentes afirmativas seriam (17c) e (18c).

(17) a. O João **não** leu o livro.

(18) a. **Ninguém** foi ao cinema.

(17) b. Não se verifica a situação de o João ter lido o livro.

(18) b. Não existe uma pessoa que tenha ido ao cinema.

(17) c. O João leu o livro.

(18) c. Algumas pessoas foram ao cinema.

1.4. Formas de expressão negativa: marcadores negativos e palavras negativas

A *polaridade negativa* decorre da presença de certas palavras. No entanto, há que distinguir entre dois tipos distintos de palavras que podem criar uma expressão negativa. Temos, por um lado, aquelas palavras capazes, por si só, de expressar a negação quando antecedem o verbo, são elas os marcadores negativos típicos do Português Europeu **não**, **sem**, **nem** e os quantificadores negativos na forma dos pronomes invariáveis **ninguém** e **nada**; do determinante **nenhum(a)**; dos advérbios **nunca** e **jamais**. A estas é costume chamar *palavras negativas*, que se definem pelo facto de os seus traços lexicais negativos se terem tornado explícitos na sua morfologia – reconhecem-se e interpretam-se como negativas, prescindindo do marcador negativo e permitindo a presença de outros itens de polaridade depois do verbo. Contrastem-se os seguintes exemplos.

(19) a. **Ninguém** conheceu o Alberto.

b. ***Ninguém não** conheceu o Alberto.

(20) a. **Nunca** saberás o seu nome

b. ***Nunca não** saberás o seu nome.

(21) **Nem** uma só obra foi lida por **ninguém**

(22) Comeste algum bolo da mesa? – **Nenhum**.

(23) **Jamais** voltarei a beber *coisa alguma*.

(24) **Nunca** quis ajudar **ninguém**.

Por outro lado, há elementos que, tendo um significado negativo, não têm traços negativos explícitos, assim sendo, nunca podem prescindir de uma outra marca explícita de negação. É o que acontece quando, por exemplo, os quantificadores negativos se encontram depois do verbo. São os chamados itens de polaridade negativa, necessitam de uma negação pré-verbal e podendo eles, em alguns casos, preceder o verbo nunca legitimam outros elementos polares. É o caso de frases como as que de seguida se apresentam.

(25) a. Ele **não** viu **nenhuma** bola de borracha.

b.* Ele viu **nenhuma** bola de borracha.

(26) a. Ele **não** procurava **ninguém** em especial.

b. * Ele procurava **ninguém** em especial.

(27) a. A Maria **não** sujou **nada**.

b.* A Maria sujou **nada**.

Depreende-se, assim, que o significado negativo das frases pode ser o resultado da presença do advérbio **não** ou de outra palavra negativa antes do verbo. A presença de vários elementos negativos numa mesma frase pode resultar ou em concordância, se todos os vários elementos exprimirem uma única instância da negação, como em (28) ou no cancelamento da negação, como se pode ver em (29). O tratamento destas questões será feito mais adiante, no terceiro capítulo.

(28) O João **não** comeu **as maçãs** de **ninguém**. → (concordância)

(29) A Maria **não** queria que o António **não** comesse **nada**. → (cancelamento da negação)

1.5. O comportamento de não em PE em frases imperativas

Vejamos agora como se distribui o advérbio *não* em orações imperativas.

O marcador negativo pré-verbal que pode, por si só, negar a oração não pode ocorrer em orações imperativas que empreguem uma forma verbal única para o paradigma do Imperativo, daí a agramaticalidade de (30). Para exprimir um imperativo negativo estes marcadores têm, então, de co-ocorrer com uma forma verbal que não pertença ao imperativo (conjuntivo), como se vê em (31).

(30) a. * **Não** *fala*.

b. * **Não** *ouve*.

c. ?? **Nem** *respira*.

(31) a. **Não** *fales*.

b. **Não** *ouças*.

c. **Nem** *respires*.

Em alternativa, o marcador pode ser seguido por um verbo auxiliar que, por sua vez, é seguido pelo verbo principal na forma de infinitivo ou gerúndio, como é o caso de (32).

(32) a. **Não** *vás arrumar* o quarto.

b. **Não** *arrumes* o quarto.

c. * **Não** *arruma* o quarto.

d. **Não** *se vá cansar*, menina.

e. **Não** *se canse*, menina.

f. * **Não** se *cansa*, menina. (Talvez aceitável na variante do Português do Brasil).

1.6. O comportamento de não em interrogativas de Sim/Não: o valor “expletivo” de não

Analisamos agora o comportamento deste marcador negativo em frases interrogativas de resposta do tipo Sim/Não.

A diferença entre (a) e (b) do exemplo (33) não consiste numa oposição verdadeiro / falso como verificámos nas frases declarativas. (a) representa a forma “neutra” da qual não transparece nenhuma expectativa; em relação à (b) pode perceber-se que o interlocutor tem já uma ideia da resposta que vai receber e que essa resposta corresponda às expectativas. A presença de **não**, contrariamente ao que se poderia pensar, transmite uma expectativa positiva, como se pode ver no exemplo (33b):

(33) a. O António fez os trabalhos? / Vês o que ele fez?

b. O António não fez os trabalhos? / Não vês o que ele fez?

Como o exemplo (33) mostra, em Português, as interrogativas afirmativas ou negativas não levam à alteração da ordem de palavras, o mesmo não acontece noutras línguas. Em Francês e em Inglês, é necessária uma inversão entre o verbo e o sujeito pronominal em posição pré-verbal, de forma a que o sujeito possa ocorrer entre o verbo e os seus complementos ou entre o auxiliar e o participio. Vejam-se os seguintes exemplos:

(34) **Ne fait –il pas** les devoirs?

(Neg. faz ele os deveres?)

Ele **não** faz os deveres?

(35) *Haven't you eaten your soup?*

(*aux. neg. tu comeste a tua sopa?*)

Não comeste a tua sopa?

1.7. O valor negativo de sem³

Em Português, uma outra partícula negativa que pode ser considerado um marcador é a preposição **sem**, uma vez que consiste num indutor forte e admite quase todos os itens de polaridade. Funcionando de forma semelhante à da negação com **não**, faz negativa a frase/constituente cujo verbo/constituente precede.

(36) Ele comeu **sem** lavar as mãos.

(37) É melhor que saias **sem** fazer confusão.

(38) Ele saiu **sem que** a irmã desse conta.

Por outro lado, dado o seu carácter quase prefixal, pode também estabelecer negação a nível lexical em palavras como *sem-vergonha*, *sem-carácter* e *sem-sabor*.

Deve destacar-se ainda o facto de que os Sintagmas Preposicionais introduzidos por esta preposição introduzem um tipo de negação de constituintes, cujo carácter excepcional não exige sintagmas correctivos, como acontecia com **não**. Em frases como (39) e (40) a negação afecta todo o SPrep:

(39) Maria caminhou **sem** ajuda do fisioterapeuta.

(40) Não **sem que** a mãe soubesse, a Maria andava a brincar na rua.

³ Matos (no prelo).

1.8. O valor negativo de **nem**

Em Português Europeu a conjunção **nem** que, do ponto de vista categorial, é uma conjunção coordenada copulativa, pode também acumular a função de marcador negativo em frases do tipo de (41). Prova disso será o facto de esta frase poder ser parafraseada por (41b), onde se substitui **nem** por *e não*. A forma dobrada *não...nem* é necessária sempre que o sintagma a que pertencem precede o verbo, veja-se a propósito o exemplo (42). No entanto, se considerarmos o primeiro **nem** como uma marca morfológica de concordância negativa podemos prescindir dele quando o primeiro termo é uma palavra negativa, como em (43):

- (41) a. Ela **não** comeu a sopa **nem** bebeu o chá.
b. Ela **não** comeu a sopa *e não* bebeu o chá.

(42) **Nem** o João **nem** o Pedro sabiam de toda a história.

(43) **Nada nem** ninguém podia ajudá-la naquele momento.

A conjunção **nem** tem ainda a particularidade de marcar negativamente o quantificador universal *todos* como em (44a), podendo esta frase ter a leitura (b) mas não a (c).

- (44) a. **Nem todos** os livros foram vendidos na feira.
b. Alguns livros não foram vendidos na feira.
c. Todos os livros não foram vendidos na feira.

1.9. Breve caracterização do comportamento das palavras negativas em Português: o fenómeno da concordância negativa

Como já vimos anteriormente, nem só os marcadores negativos são responsáveis pela natureza negativa de determinadas frases e sintagmas. Por isso, faremos agora a caracterização das palavras negativas e dos itens de polaridade negativa. Foi já constatado que constitui palavra negativa toda e qualquer palavra que na sua natureza lexical e morfológica tenha traços negativos, tais como os tradicionalmente designados “pronomes indefinidos”. Da mesma forma, o quantificador negativo que preceda o verbo torna negativo todo o predicado, prescindindo da presença do marcador negativo. São então possíveis frases como (45), (46), (47), (48) e (49).

Por outro lado, sendo capazes de, por si só, gerar enunciados negativos, podem também licenciar itens de polaridade negativa, isto é, outros quantificadores negativos em posição pós verbal, como se vê em (48) e (49).

(45) **Ninguém** *foi* visto.

(46) **Nenhum rapaz** *vestia* calças azuis.

(47) **Jamais** *pensaste* em viver no Japão.

(48) **Nada** *foi* dito sobre o assunto **a ninguém**.

(49) **Nunca** *comprei* **nada** para mim.

Quando a palavra negativa em posição pré-verbal não é sujeito da frase, por vezes pode desencadear alteração da ordem das palavras, nomeadamente a posposição do sujeito. No entanto, o sujeito precede a palavra negativa se se tratar dos advérbios **nunca** e **jamais** como em (51).

(50) a. *A **ninguém** o Francisco *dá* o livro azul.

b. A **ninguém** *dá* o Francisco o livro azul.

(51) A Margarida **nunca** pintou um quadro.

Quando colocada depois do verbo, torna-se imprescindível a presença da partícula negativa (**não, sem, nem, nunca**) ou de qualquer outra palavra negativa antes do verbo da sua própria oração para a formação de uma expressão negativa. Em geral, só uma palavra negativa está antes do verbo e as restantes depois.

(52) **Não** pago a **ninguém** desde ontem.

(53) O João **nunca** foi à cidade **nem** *conheceu* **ninguém** interessante.

(54) **Não** *pensei* **nunca** na dor da Sónia.

(55) O João saiu **sem** *comer* **nada**.

Não obstante, temos como excepção frases do tipo de (56), que aparece invariavelmente nesta ordem, pelo facto de **nunca** ser uma palavra negativa de sentido temporal e **ninguém** ser o sujeito frásico. Vejam-se ainda os exemplos (58) e (59) e por contraste (60). Estando presente uma negação frásica com **não**, então **nunca** pode ocupar a posição pós-verbal, precedendo o sujeito negativo **ninguém**.

(56) **Nunca** **ninguém** *visitou* aquele homem.

(57) **Nunca** *houve* **ninguém** que gostasse de chuva.

(58) ***Ninguém** *houve* **nunca** que gostasse de chuva.

(59) ***Ninguém** **nunca** *disse* que o futebol era o desporto-rei.

(60) **Não** *houve* **nunca** **ninguém** que quisesse ajudar esta pobre criança.

Quer dizer, quando *nunca* e *ninguém* co-ocorrem, o advérbio ocupa uma posição superior em relação ao pronome indefinido; se o pronome for colocado em primeira posição não admite a co-ocorrência de outros elementos negativos, caso contrário, temos como resultado uma frase agramatical. Se em primeira

posição da frase estiver o marcador negativo do Português (como se pode ver no exemplo (60) nenhum dos dois elementos (**nunca, ninguém**) se pode antepor ao marcador negativo.

Vemos assim que, em caso de concordância negativa, o marcador frásico **não** ou **nunca** precede todas as outras palavras negativas. Mas não basta dizer que os itens de polaridade negativa (em posição pós-verbal) devem ser precedidos por outra palavra negativa pré-verbal. É também necessário que cumpram determinados requisitos de dependência estrutural entre uma e outra, isto é, o elemento indutor e o induzido devem pertencer à mesma frase, caso contrário resulta em agramaticalidade. Nos exemplos (61), com coordenação, e (62), com subordinação, o marcador negativo não chega para abarcar a segunda parte da frase.

(61) a. *O Francisco **não comeu** e a Maria foi *ver* **ninguém**.

b. O Francisco **não comeu** e a Maria **não** foi *ver* **ninguém**.

(62) a. *A Maria **não sabia** que o António *tinha* dito **nada**.

b. A Maria **não sabia** que o António **não tinha** dito **nada**.

1.10. Palavras de polaridade positiva em frases negativas em Português

Algumas palavras ditas de polaridade positiva podem também surgir em contextos negativos. Em Português, diferentemente do Inglês, este fenómeno é mais sensível no SN. Por exemplo, o indefinido **algum** pode actuar como palavra negativa quando aparece dentro do âmbito da negação, posposto ao nome e preferencialmente no singular.

(63) **Não** vi **filme algum** esta semana.

(64) Elas **não** pedem **coisa alguma** desde ontem.

(65)?**Não** há **soluções algumas** para esse problema.

Em posição pós-nominal **algum** precede os complementos restritivos, como se pode ver em (66a) e (66b), e segue os adjectivos relacionais. Veja-se, para isso, os exemplos (67a) e (67b). No que diz respeito aos qualificativos, tanto podem aparecer antes como depois do determinante, como em (68a) e (68b).

(66) a. Não conheço gramática **alguma** de inglês que diga isso.

b. *Não conheço gramática de inglês **alguma** que diga isso.

(67) a. *Não temos conhecimento de avaria **alguma** eléctrica nesta zona.

b. Não temos conhecimento de avaria eléctrica **alguma** nesta zona.

(68) a. Não assisti a conferência interessante **alguma**.

b. Não assisti a conferência **alguma** interessante.

1.11. Concordância negativa; polaridade negativa; cancelamento da negação; negação expletiva

A presença de vários elementos de polaridade negativa numa mesma frase, como vimos acima, deve-se ao facto de o Português Europeu ser uma língua de Concordância Negativa. Isto é, os vários elementos negativos presentes na frase exprimem-se como uma única instância da negação.

Pelos exemplos seguintes se poderá verificar que, em Português Europeu, a negação aparece sempre em primeira posição na frase, quando em posição pós-verbal estiver um indefinido negativo.

(69) **Não** vens ver **ninguém**?

(70) O João **não** vem ver **ninguém**.

(71) **Não** comes **nada**?

(72) A Joana **não** comeu **nada**.

(73) **Não** queres **nenhum** bolo?

No entanto, se o indefinido aparecer em posição pré-verbal, então a co-ocorrência do marcador negativo já não se verifica, resultado que seria de esperar, como se verá mais adiante, dadas as características destas palavras.

(74) **Ninguém** viu o meu cão?

(75) **Nada** foi feito na minha ausência?

(76) * **Não ninguém** viu o meu cão?

(77) * **Ninguém não** viu o meu cão?

Pelo contrário, em línguas como o Inglês, a simples presença de dois elementos negativos no mesmo domínio sintático gera o cancelamento da negação (*duplex negatio affirmat*).⁴ Assim, (79 a) seria parafraseável por (79b):

(78) They *do not* wear colourful clothes.

(79) a. *They *do not eat nothing*.

b. They eat *something*.

Há também casos em Português Europeu em que a co-ocorrência de dois marcadores negativos gera dupla negação, que, por sua vez, origina o cancelamento da negação, como ilustram frases do tipo de (80a), que pode ser parafraseada pela frase afirmativa (80b).

(80) a. A Maria comeu a sopa **não sem** se sujar.

b. A Maria comeu a sopa e sujou-se.

Porém, quando a negação é estabelecida através de adjectivos prefixados (**in-/des-/a-**) em co-ocorrência com um operador de negação, já não temos como resultado o cancelamento da negação. Assim, (81b) não é sinónimo de (81a),

⁴ Horn (1989: 554) "... one who is bad at being bad ends up being good, but one who is good at being good is not bad".

Da mesma forma Jespersen: "Whenever two negatives really refer to the same idea or word the result is invariably positive(...)" - (Jespersen 1984, cit. por Horn 1989: 296).

sendo (81c),⁵ uma paráfrase mais aceitável de (81b). Pode-se, então, concluir que nem sempre não-inX se reduz a X.

- (81) a. Eles estão contentes.
b. Eles **não** estão descontentes.
c. Eles **não** estão descontentes *mas também não* estão contentes.

Sendo a Concordância Negativa um aspecto aparentemente “ilógico” das línguas, obriga a que o falante recorra aos seus conhecimentos (pragmáticos) do mundo para a descodificação de frases que envolvem diversos elementos negativos.

É interessante verificar que, muitas vezes, o sujeito diz exactamente o contrário do que pretende, originando frases em que a presença do marcador negativo equivale à sua ausência, verificando-se, assim, “erros de concordância”. Desta forma, frases como as que se apresentam abaixo têm, tendencialmente, as interpretações dadas pelas frases (b).

(82) a. A única coisa que eu faço questão que **não** aconteça é que a imprensa **não** descubra nada.

b. A única coisa que eu faço questão que aconteça é que a imprensa não descubra nada.

(83) a. Ninguém me tira da cabeça que **não** foi o João quem comeu o bolo.

b. Ninguém me tira da cabeça que foi o João quem comeu o bolo.

(84) a. Quem sabe se a avó **não** está a ajudar?

b. Quem sabe se a avó está a ajudar?

⁵ Teste de encadeamento com **mas**, eficaz na detecção de contradições.

- (85) a. Imaginem a dificuldade que ele **não** teve/a fome que ele **não** passou.
b. Imaginem a dificuldade que ele teve/a fome que ele passou.

Tal preferência interpretativa poderá estar relacionada com as expectativas comunicativas que os falantes/ouvintes têm em relação ao discurso. Podemos, assim, considerar que as frases (82), (83), (84) e (85) são semanticamente ambíguas. Poder-se-á concluir, então, que o marcador negativo **não** nem sempre apresenta conteúdo negativo.

Este tipo de negação, denominada expletiva, não provoca os mesmos efeitos sintáticos, semânticos e pragmáticos provocados pela negação dita “plena”.

CAPÍTULO 2:

Estrutura da frase negativa e posição dos Sujeitos Negativos

CAPÍTULO 2: Estrutura da frase negativa e posição dos Sujeitos Negativos

2.1. Introdução

Nos estudos sintácticos sobre a negação, tem-se discutido muito a questão da posição dos sujeitos negativos. De acordo com a posição “tradicional”, defendida por alguns autores, os sujeitos negativos ocupam a posição normal de sujeito frásico, isto é, a de [Spec, IP] ou [Esp, SFlex]. De acordo com outros autores, os sujeitos negativos não ocupariam tal posição, mas sim uma posição mais alta do que [Esp, SFlex].

Com efeito, estes autores defendem que em frases como (1) e (2), *ninguém e nada* ocupam a posição de operador, fora do domínio da frase.

(1) Ninguém veio.

(2) Nada alegrou a princesa.

Para discutirmos esta questão, torna-se necessário reflectirmos não só sobre a estrutura da frase como sobre o comportamento dos sujeitos negativos. É esse o objectivo do presente capítulo, que está organizado da seguinte maneira: no ponto 2.2 serão abordados alguns aspectos da estrutura da frase negativa na perspectiva de vários autores. No ponto 2.3 trataremos a questão da posição e natureza dos sujeitos negativos.

2.2. Alguns aspectos da estrutura da frase negativa

2.2.1. A negação frásica: a proposta de Pollock (1989)

Quando estudamos o fenómeno negativo em línguas como o Inglês verificamos que a ordem dos constituintes nas frases negativas depende do tipo de verbo

conjugado. Se for um verbo lexical, como em (3 a), encontrá-lo-emos à direita do advérbio negativo *not*, se o verbo for funcional (auxiliar) é colocado à esquerda de *not*, tal como demonstra o exemplo (4):

- (3) a. *John eats not
b. John does not eat.

(4) Mary is not intelligent.

Por outro lado, se somente um verbo auxiliar pode fazer a inversão com o sujeito em frases interrogativas, um verbo lexical parece nunca poder mover-se para uma posição anterior ao sujeito. Vejam-se os seguintes exemplos:

- (5) a. Has Mary cleaned her room?
b. *Cleaned Mary her room?

O mesmo acontece ao nível da flexão verbal, que não pode ocorrer depois de *not*, de forma a ficar no verbo lexical.

- c. *Mary not cleans her room.

No entanto, a flexão nas frases negativas e interrogativas em Inglês é assegurada pela inserção do verbo auxiliar *do*.

- (6) a. Mary does not clean her room.
b. Does Mary clean her room?

Sendo línguas com origens tão diversas seria de esperar que o Inglês e o Francês aplicassem mecanismos diferentes na negação frásica. Porém, vejamos as posições relativas do verbo flexionado e o marcador de negação frásica (*pas/not*).

- (7) a. Jean n'a pas arrivé.
(Jean ne has not arrived)
b. Jean has not arrived.

Como se pode verificar, os auxiliares *avoir* e *have* precedem os elementos negativos *pas* e *not*. Podemos concluir que tanto em Francês como em Inglês a ordem auxiliar- *pas/not* é válida. Porém, quando analisamos uma frase como (8), em que o verbo surge à esquerda de *pas*, concluímos que em Francês, ao contrário do Inglês, os verbos lexicais não podem aparecer à direita de *pas*.

- (8) a. Sophie ne marche pas.
(Sophie ne talks not.)
b. Sophie does not talk.

Partindo do estudo do Inglês na perspectiva de Gramática Universal, Pollock sugeriu que as características flexionais a serem associadas ao verbo não constituem uma única categoria funcional, SFlex, como se dizia até então, mas antes duas, a saber SAc (Sintagma Acordo) e ST (Sintagma Tempo) e, a haver negação numa frase, ela estaria colocada entre T e AC e seria uma categoria funcional plena (SNeg).

Nesta sua teoria da existência de uma flexão dividida, Pollock defendia que a hierarquia das projecções funcionais em Inglês e em Francês seria como se representa em (9), assumindo que esta ordem se mantinha também noutras línguas.⁶

- (9) [ST [SNeg [SAc [SV]]]]

⁶ Mais tarde Belletti (1990), baseando-se numa abordagem derivacional da morfologia e no Princípio de Espelho de Baker (1985), assume que o verbo vai juntando a si a flexão durante o movimento e a passagem pelas cabeças funcionais e inverte a ordem de SAc e ST, propondo uma nova ordem hierárquica [SAc [SNeg [ST [SV]]]], como veremos mais adiante.

De modo a dar conta da diferença de posição da partícula de negação relativamente ao verbo em línguas como o Inglês e o Francês, Pollock considerou que o movimento do verbo é responsável pelas diferenças de ordem entre a negação e o verbo. Assim, em Inglês, o movimento do verbo estaria lexicalmente restrito, estando limitado a auxiliares. Admite ainda a existência de uma regra de abaixamento de Flex até ao verbo em SV. Se o verbo é da categoria auxiliar, como *Have* e *Be*, há um movimento destes verbos para T, obtendo-se a ordem representada em (10).

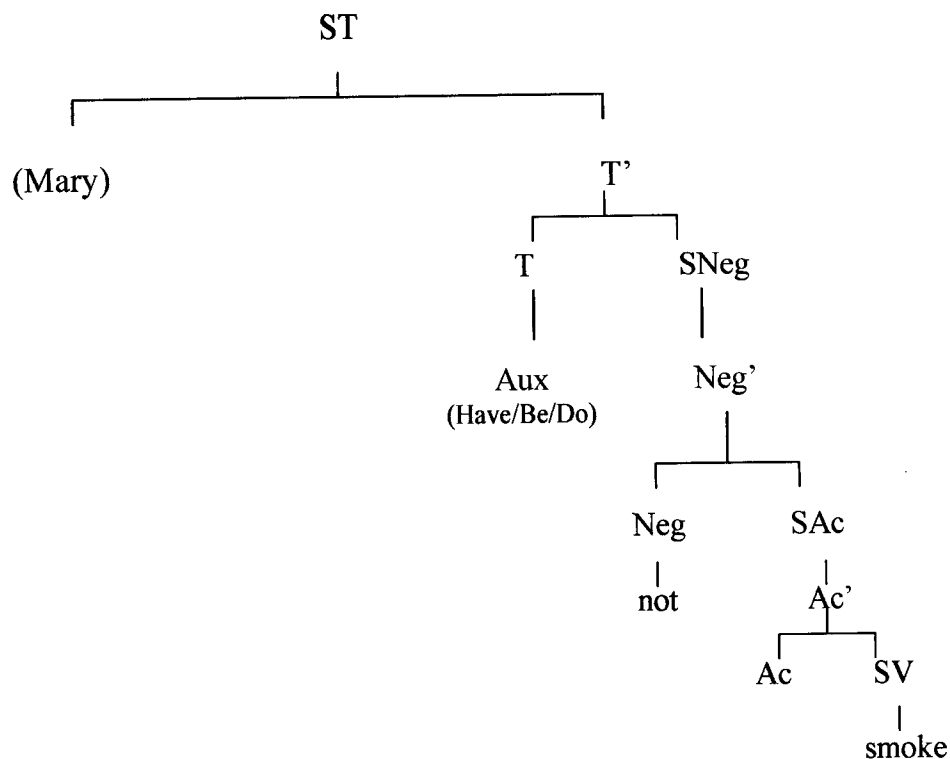
(10) [SNSU + Aux + not + verbo principal]
Mary is not smoking

Tratando-se de um verbo não auxiliar, não haveria movimento do verbo em sintaxe visível, explicando a inexistência de frases como (11).

(11) * Mary smokes not.

Haverá antes a introdução de um auxiliar próprio da negação que vai ocupar a posição T, como se pode verificar na representação (12) abaixo apresentada, que é parte da estrutura sintáctica de uma frase negativa.

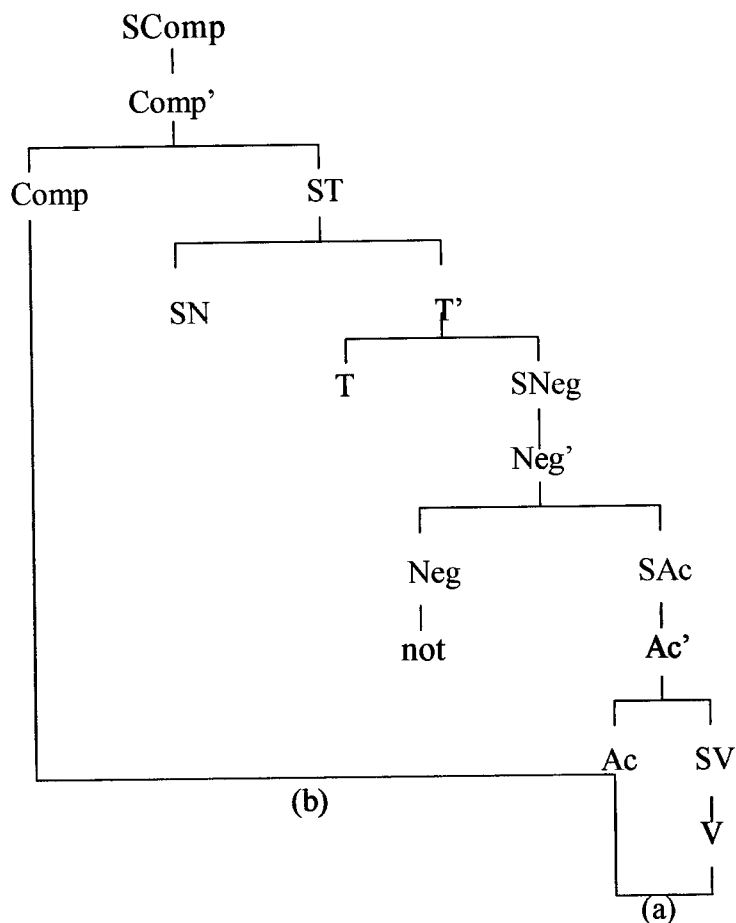
(12)



Para dar conta de certos fenómenos de ordem de palavras, nomeadamente do fenómeno que é exemplificado em (13)⁷, que integra uma interrogativa total, Pollock joga com a distinção entre movimento curto do verbo para Ac e movimento longo do verbo para Ac e T, assumindo que o movimento curto do verbo é, de facto, o movimento do verbo para Acordo, que será a cabeça da projecção máxima de SAc (movimento (a)), enquanto o auxiliar (*to*) do aparece aqui em Comp, (movimento (b)).

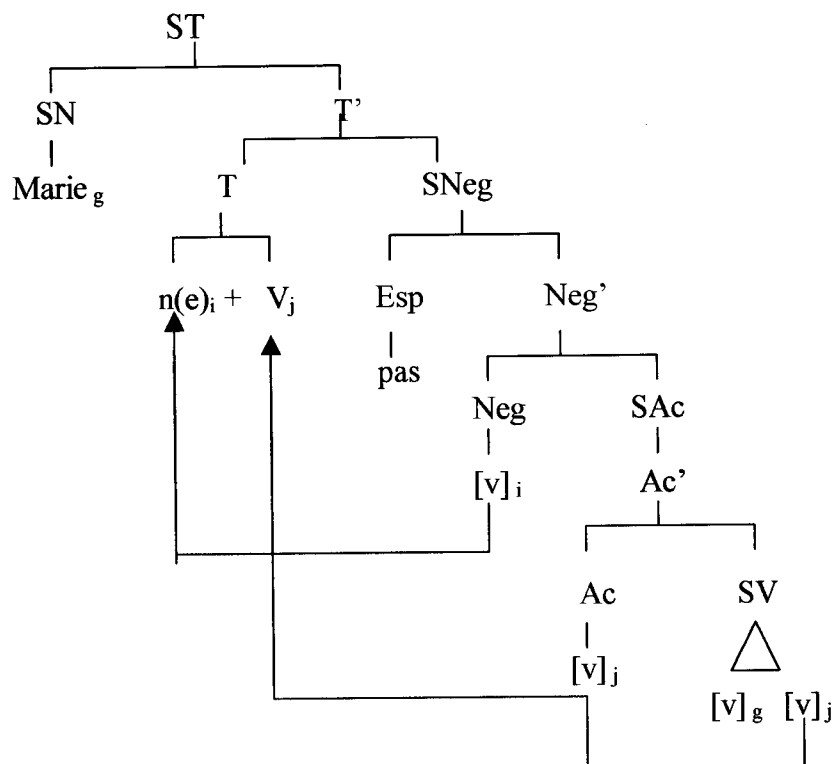
⁷ As estruturas apresentadas seguem o esquema proposto por Pollock (1989).

(13) Did he not come to the party?



Para dar conta do Francês, que é uma língua em que marcadores negativos pré e pós-verbais co-ocorrem, Pollock propõe que *ne* constitua o núcleo de SNeg e que *pas* ocupe o lugar de especificador desta projecção. Nesta língua, a ordem do marcador de negação (juntamente com a ordem de advérbios e da chamada “flutuação de quantificador”) leva o autor a propor o movimento do verbo para AC e T; por outro lado, sendo *ne* um clítico, Pollock defende que este se move também para junto do verbo até T, amalgamando-se a ele, como se exemplifica na estrutura que se segue.

(14) Marie n'aime pas Jean.



Tal como foi dito anteriormente, nas frases finitas em Inglês, só os verbos auxiliares se podem mover, enquanto em Francês o movimento do verbo é generalizado e aplica-se tanto a auxiliares como a verbos lexicais. Pollock relaciona este movimento com o facto de o Francês ter um paradigma flexional forte e daí poder atrair o verbo. Pelo contrário, o Inglês tem um paradigma fraco e uma flexão fraca não pode atrair o verbo lexical.⁸

Em Francês, apesar de os auxiliares terem de se mover para a esquerda do elemento negativo *pas*, nas orações finitas, mantêm-se opcionalmente à direita de *pas* nas orações infinitivas. Por outro lado, os verbos lexicais precedem

⁸ No caso dos verbos auxiliares, eles são mais fracos do que os lexicais uma vez que não podem atribuir papéis temáticos.

sempre *pas* nas orações finitas e nas infinitivas mantêm-se obrigatoriamente à direita da negação. Vejam-se os seguintes exemplos⁹:

- (15) a. Jean n'**a** *pas* mangé.
b. N'**être** *pas* invité, c'est triste.
(*Ne be not invited it is sad*)
It is sad not to be invited.
c. Ne *pas* **être** invité c'est triste.
(*Ne not be invited it is sad*)
Not to be invited is sad.

- (16) a. *Ne manger *pas* du chocolat.
(*Ne eat not chocolate*)
b. Ne *pas* manger du chocolat.
(*Ne not eat chocolate*)

Em Inglês, os auxiliares podem preceder a negação em orações infinitivas, enquanto os verbos lexicais têm de permanecer à direita da negação, como podemos ver pelas frases (17) e (18).

- (17) *To have not bought a car is depressing.
Not to have bought a car is depressing.

- (18) *To be not punished on that day was a relief.
Not to be punished on that day was a relief.

Concluindo, podemos dizer que tanto em Francês como em Inglês os auxiliares movem-se para uma posição à esquerda do marcador negativo *pas/not*,

⁹ Os exemplos correspondentes em Inglês são dados para se contrastarem as duas línguas.

obrigatoriamente em orações finitas, opcionalmente em orações infinitivas. Em Inglês, os verbos lexicais nunca surgem à esquerda de *not*. Em Francês, por sua vez, essa mesma classe de verbos move-se para uma posição à esquerda de *pas* se forem finitos enquanto os infinitivos se mantêm à direita de *pas*.

Vejam agora como se comportam os verbos perante advérbios de frequência do tipo *souvent/often* e *toujours/always*.

De acordo com os exemplos (19) e (20), os verbos finitos em Francês, sejam eles auxiliares ou lexicais, aparecem à esquerda destes advérbios, enquanto em Inglês existe uma distinção: se o verbo for auxiliar surgirá invariavelmente à esquerda de tais advérbios, se for lexical aparecerá à sua direita.

(19) a. Il *mange* **souvent** du chocolat.

*Il **souvent** mange du chocolat.

b. Il *a* **souvent** mangé du chocolat.

*Il **souvent** a mangé du chocolat.

(20) a. *He goes often to her house.

He **often** goes to her house.

b. He *is* **often** welcome.

*He often is welcome.

c. He *has* **often** been to London.

*He often has been to London.

Os padrões V (lexical finito) – Adv e V (auxiliar finito) – Adv, para o Francês, e os padrões Adv – V (lexical finito) e V (auxiliar finito) – Adv, para o Inglês, são paralelos àqueles encontrados para as frases negativas conjugadas. Sempre

que o verbo flexionado pode preceder a negação, pode igualmente preceder o advérbio, e sempre que não puder preceder a negação, também não poderá preceder o advérbio. Por outro lado, sempre que uma frase contém um marcador negativo e um advérbio adjunto a SV, o marcador negativo precede o advérbio.

(21) Je n'avais pas *souvent* mangé du chocolat.

I have not *often* eaten chocolate.

Numa tentativa de explicação, podemos dizer que os verbos lexicais ingleses não podem preceder nem os advérbios adjuntos ao SV (tais como *often*) nem o marcador negativo *not*, devendo manter-se dentro do SV. De acordo com Pollock (1989) quando a flexão vem adjacente ao verbo ou quando apenas um advérbio intervém, o morfema flexional é baixado até ao verbo. Em frases contendo um marcador negativo *not* entre Flexão e SV, o abaixamento do morfema é bloqueado e *do* é inserido sob Flexão para transportar o morfema.

Formas finitas de verbos auxiliares como *have* e *be* precedem este tipo de advérbios e o marcador negativo *not*. Podem mover-se para flexão onde se unem à flexão de Tempo e de Acordo.

Em Francês os verbos lexicais sistematicamente deixam o SV e unem-se com a flexão em Flex, o que se pode ver a partir do facto de os verbos lexicais em Francês precederem sempre este tipo de advérbios e o marcador negativo *pas*.

Em síntese:

O tratamento proposto por Pollock permite captar três diferenças na posição e na forma dos verbos lexicais em Inglês e em Francês, a saber:

- a) os verbos finitos movem-se para além de um marcador de negação frásica em Francês mas não do advérbio *not* em Inglês. No entanto, para

dar conta da ordem *ne V pas* em Francês, o autor é levado a admitir o movimento de *ne*, considerado um clítico;

- b) os verbos lexicais finitos precedem advérbios de frequência, como *souvent* em Francês, o que não acontece em Inglês com advérbios como *often*;
- c) a morfologia do verbo é muito mais rica e forte em Francês do que em Inglês, o que permite estabelecer um paralelo:
 - a. morfologia rica do verbo – movimento do verbo em sintaxe.
 - b. morfologia pobre do verbo – ausência de movimento do verbo em sintaxe.

2.2.2. A proposta de Belletti (1990)

Para o tratamento do Italiano, Belletti (1990) assume a posição de Pollock mas partindo do estudo dos processos de incorporação de Baker (1985) e da ideia de que a combinação da raiz verbal com a sua morfologia flexional se faz através do movimento do verbo em sintaxe, então não se pode deixar de ter em conta as manifestações concretas da forma das palavras na língua. Assim, numa palavra, a ordem respectiva dos afixos que podem estar presentes deve reflectir a derivação sintáctica da palavra, ou seja, a ordem pela qual a afixação teve lugar ao longo dos movimentos sintácticos. No Italiano, a ordem dos morfemas nos verbos conjugados é **Raiz (R) + Tempo (T) + Acordo (AC)**, como se pode ver no exemplo (22).

(22) Legge- va- no

R T Ac

Teoricamente, esta associação poder-se-ia fazer ou por subida da raiz até às cabeças funcionais, ou por descida dos afixos até à raiz (para línguas como o Inglês) ou por ambos os processos numa mesma língua (que é o caso do Inglês, que tem marcação só de auxiliares).

Obviamente, Belletti debruçou-se sobre o estudo da negação em Italiano, onde a ordem linear dos constituintes se mostra semelhante à do Francês, como exemplificado em (23) e (24):

(23) **NON + V + PIÙ / ANCORA / MAI** →(Italiano)

(24) **NE + V + PAS** →(Francês)

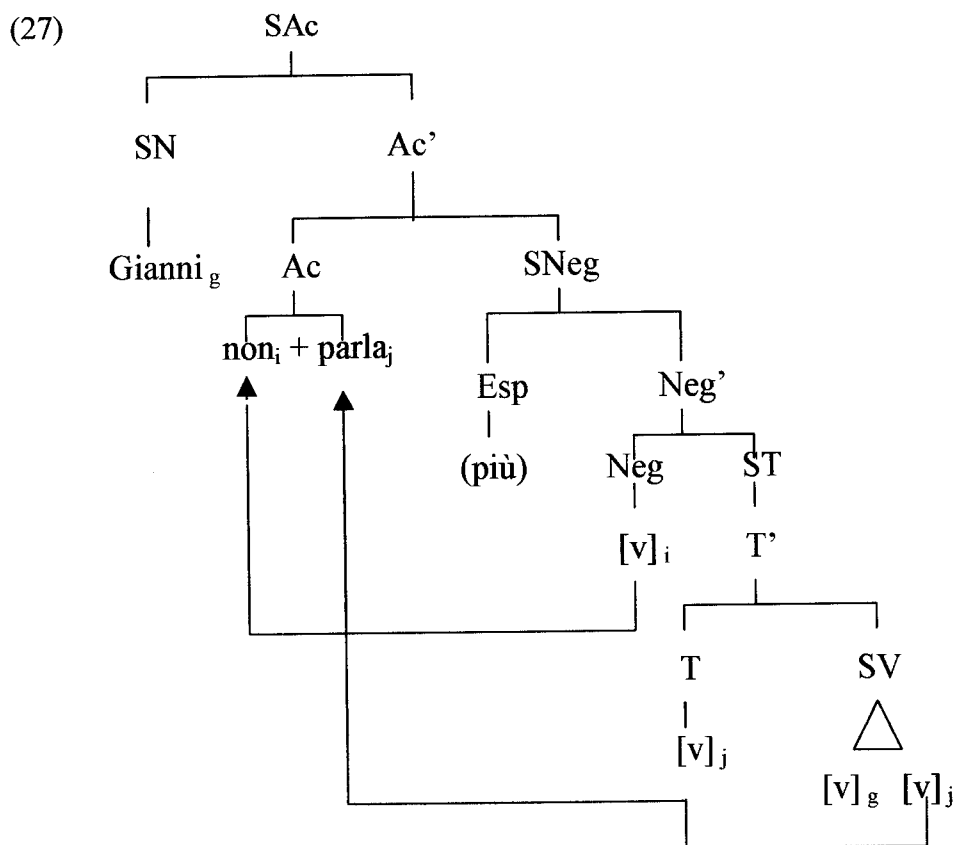
No entanto, enquanto os vários advérbios (de polaridade) negativos *più / ancora / mai* são facultativos em Italiano, *pas* em Francês é fundamental para a expressão da negação.

Para justificar a posição dos constituintes de uma frase como (26), Belletti defende que os advérbios negativos, diferentes de **non**, vão preencher uma posição à direita da cabeça flexional mais alta (Ac) como especificador de SNeg, assumindo-se que não há um processo específico de movimento de advérbio. Haverá sim o movimento do verbo para Ac, juntamente com a cabeça do SNeg, *non*, à qual Belletti associa uma natureza clítica, como já o tinha feito Pollock, obtendo-se a ordem presente em (25):

(25) **SNSU + NON + V flexionado + PIÙ / ANCORA / MAI**

A ordem em (25) pode então corresponder a uma estrutura como (27), servindo (26) como frase exemplo.

(26) Gianni non parla più / ancora / mai.

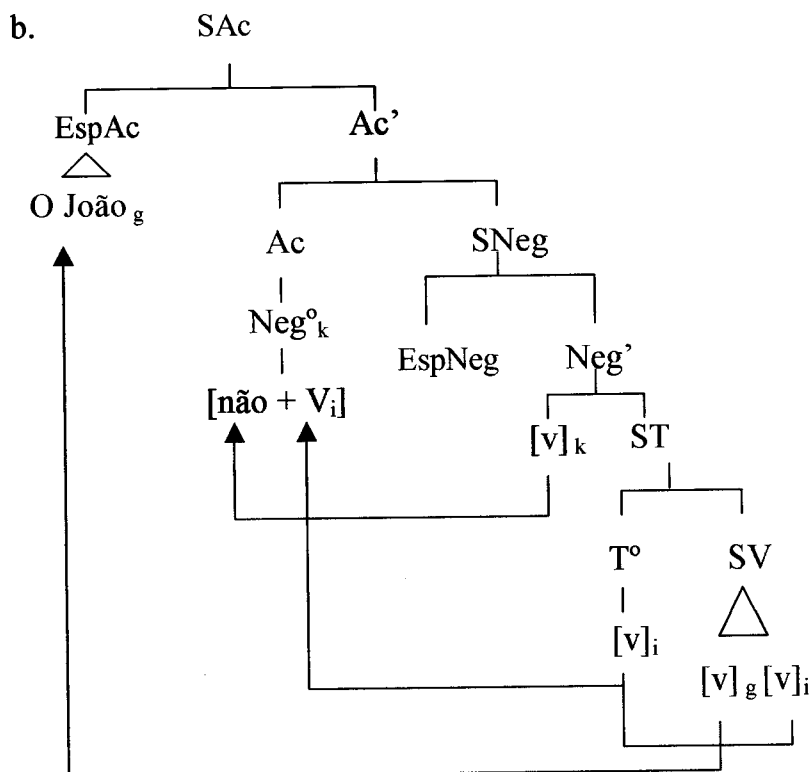


2.2.3. A proposta de Gonçalves (1994)

Para o estudo da negação frásica em Português Europeu, autores como Gonçalves (1994) adoptaram as perspectivas de Pollock e Belletti, entre outros. Gonçalves não só aceita a estrutura de frase de Belletti para o Português como também coloca **não** como núcleo de SNeg, situando este entre SAc e ST. Representa-se em (28 b) a estrutura de negação frásica canónica, cuja frase exemplo poderá ser (28 a)¹⁰:

¹⁰ Exemplo e representação retirados de Gonçalves (1994:152).

(28) a. O João não vai ao cinema.



Gonçalves aceita a análise de Sportiche (1988) de que o SNSU é projectado em SV. Na estrutura proposta por Gonçalves verifica-se que o sujeito, sendo gerado em EspV, sobe até SAc, onde, em princípio, termina na posição de especificador desta categoria. O verbo deslocar-se-á para T e Ac, terminando a cabeça negativa – o advérbio de negação **não** – com o verbo em Acordo.

Em construções interrogativas com auxiliar, **não** parece mesmo mover-se para Comp, como no seguinte exemplo:

(29) Quem **não** tem o João visto na biblioteca ultimamente?

“Quem” ocupará a posição de especificador de SComp, “**não**” e “tem” ficarão em Comp, depois de passarem por Flex, e “visto” em V.

A proposta de Gonçalves levanta alguns problemas de análise (cf capítulo 2.3.2). Importa desde já notar que Gonçalves atribui a **não**, tal como a **nunca**, o estatuto de itens clíticos, propondo que eles se movam para adjunção a Ac, tal como o verbo. Se esta proposta pode ser válida para **não**, à semelhança de **ne**, **non**, para **nunca** ela não tem justificação, dado tratar-se de uma palavra dissilábica que pode ocorrer isoladamente, constituindo uma frase negativa.

2.3. A questão da posição e natureza dos sujeitos negativos

Até este momento analisámos, em linhas gerais, alguns aspectos da negação frásica, servindo-nos, essencialmente, das propostas de Pollock, Belletti e Gonçalves. Ora, como vimos no capítulo 1, nem sempre a negação de uma frase é dada pelo advérbio de negação **não**, isto é, nem sempre temos uma instância de negação frásica. Por vezes, são os próprios constituintes com valor negativo (como *ninguém*, entre outros) que atribuem à frase um valor negativo.

Uma das questões que se coloca é a posição dos constituintes negativos pré-verbais, em especial o sujeito negativo em frases do tipo de (30) e (31).

(30) Ninguém comeu o bolo.

(31) Nenhum menino comeu o bolo.

Autores defendem que o constituinte negativo deve ser tratado como os sujeitos referenciais, isto é, tal como eles, o constituinte negativo será gerado dentro de SV, recebendo aí o seu papel temático, para depois subir até [Esp, SAc], para que lhe seja atribuído o caso nominativo. Outros autores, pelo contrário, consideram que os sujeitos negativos, pelo seu valor de polaridade negativa e pelo seu valor quantificacional, de operador, devem ter um tratamento diferente.

2.3.1. Haegeman (1993)

Haegeman (1993) defendeu a hipótese de existirem posições mistas, isto é, seriam os traços dos constituintes que determinariam a natureza A (argumental) ou A' (não-argumental, de operador) da posição. Assim sendo, o sujeito negativo passaria por Esp de Neg, (segundo Moritz (1989)) onde obteria uma natureza A' que transportaria até Esp de Ac. Por outro lado, não tendo que passar por Esp de Neg, o sujeito referencial determinaria a sua natureza A, uma

vez que se deslocaria directamente para a posição de Ac. Ficaria, no entanto, por explicar a motivação da subida do sujeito da posição de especificador de SNeg até à posição de especificador de SAc. Haegeman não considera o movimento por [Esp, SNeg]; a autora defende antes que a natureza A/A' das posições se definirá tendo em conta os traços de acordo pertinentes, isto é, consoante os traços sejam de género, número ou pessoa, ou de negação, teremos posições A ou A' respectivamente. Em síntese, para Haegeman, os sujeitos negativos parecem ocupar a posição de especificador de SAc, embora tenham uma natureza A' por terem o traço negativo.

2.3.2. Gonçalves (1994)

Gonçalves, na esteira de Shlonsky (1993), defende, contra Haegeman, que os sujeitos negativos devem ocupar uma posição A', e cito, “ permitindo assim assegurar, para os contextos que envolvem estes constituintes, a coerência original dos sistemas”¹¹.

Ora, sendo a posição de especificador de SAc uma posição A, não será uma posição própria para o sujeito negativo, que terá uma natureza A'. Isto é, partindo do princípio que o constituinte negativo que vai desempenhar a função de sujeito é um operador A', deve manter o seu estatuto de operador A' permanecendo numa posição A'. A autora defende esta teoria recorrendo a vários testes e observando várias propriedades dos sujeitos negativos.

Primeiramente verificou que, com este tipo de sujeitos, o verbo aparece invariavelmente na terceira pessoa do singular, pelo que afirma não estarmos perante uma verdadeira concordância.

¹¹ Gonçalves (1994: 141).

Por outro lado, é também a natureza A' que justifica o facto de constituintes negativos não poderem servir como antecedentes a pronomes pessoais, como se pode ver no exemplo que a seguir se apresenta.

(32) a. * Ninguém veio nem lhe telefonei.

b. * Não vi ninguém, nem lhe telefonei.

Segundo a autora, *ninguém* denota um conjunto vazio não podendo ser o antecedente de um pronome pessoal de terceira pessoa. Por esta mesma razão, para esta autora, a topicalização marcada destes elementos, em frases como (34) e (35), também resultará em agramaticalidade do enunciado:

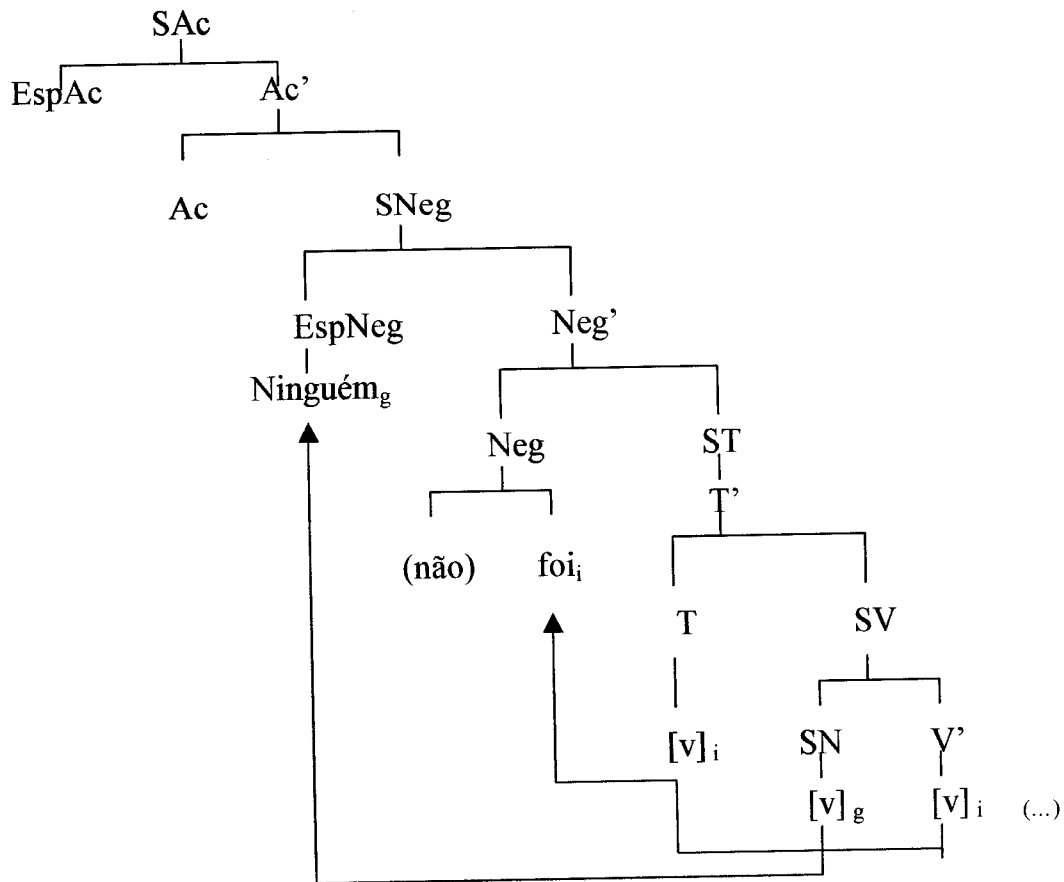
(33) Ninguém comeu a sopa toda.

(34)* Ela está a dizer (a cerca de ninguém) que comeu a sopa toda.

(35)* (A ninguém) o cão (não) tinha roubado uma galinha.

Gonçalves propõe, então, que a posição final dos sujeitos negativos seja não EspAc, mas EspNeg, isto é, um sujeito como *ninguém* subirá apenas até EspNeg, já que sendo *ninguém* um constituinte com propriedades de operador, deve ocupar uma posição típica A' como o é a posição de especificador de SNeg e aí termina em estrutura de superfície. (36) é exemplo deste tipo de derivação, segundo a autora.

(36) Ninguém foi (à festa).



Além da ideia acima apontada, Gonçalves justifica a agramaticalidade de frases como (38), uma frase com a co-ocorrência de *ninguém* e **não**, pelo facto de não poder coexistir em SNeg um especificador e um núcleo. Assim, não subindo *ninguém* até EspAc e permanecendo na posição de EspNeg, o núcleo de Neg terá que ser obrigatoriamente nulo.

(37) O João não comeu a sopa.

(38)*Ninguém não comeu a sopa.

Gonçalves defende ainda que se o verbo aparece invariavelmente na 3ª pessoa do singular, não se pode falar verdadeiramente de concordância verbal, e se os

sujeitos negativos são, por natureza, indefinidos (semanticamente) e não referenciais, então nem o verbo nem o sujeito terão necessidade de subir até Ac, sendo a cabeça negativa nula em contextos como (38) e (39):

(39)*Ninguém não foi ao cinema.

Em síntese, podemos dizer que, em termos derivacionais, a autora assume que um sujeito como *ninguém*, em estruturas como (36) sobe apenas até EspNeg (já que tanto o constituinte como a posição são A'), terminando aí em estrutura de superfície. Como o verbo é “impessoal”, no sentido em que exhibe sempre as formas de terceira pessoa do singular, também não sobe para Acordo, terminando, nestas circunstâncias, em Neg^o uma vez que não precisa de verificar traços de concordância.

É também deste modo que Gonçalves explica a não co-ocorrência do marcador negativo **não**, diferentemente do que se passa com sujeitos referenciais. Enquanto um sujeito referencial pode co-ocorrer com o marcador negativo, como em (37), isso nunca acontece com o sujeito negativo, como sugere a agramaticalidade de exemplos como (38) e (39).

Esta apresentação merece-nos, para já, algumas observações: em primeiro lugar, não será adequado, na nossa perspectiva, que, por ser o que Gonçalves considera “impessoal”, o verbo não suba até Ac. Se assim for, e aceitando a estrutura em (36) como a estrutura sintáctica de uma oração finita negativa, de que forma é que seriam verificados os traços de 3ª pessoa do singular? Na perspectiva adoptada, como impedir que surjam frases como (40) em PE, em que não há compatibilidade de pessoa e número do SNSU com o verbo, isto é, há ou não concordância verbal? E como se justifica a existência de frases como (41), em que há perfeita concordância entre o sujeito negativo e o verbo? Os sujeitos negativos, apesar de serem quantificados e exprimirem um conjunto

vazio, não desencadearão a concordância com os verbos que os seguem, como os exemplos apontados ilustram?

(40) *Ninguém gostei.

(41) nenhuns meninos vieram à festa.

Antes de continuar, justificam-se aqui também algumas considerações teóricas sobre as noções de posição argumental e de posição não argumental. Na estrutura das frases distinguem-se duas classes de posições: aquelas que são ocupadas canonicamente em estrutura-D pelos argumentos de uma frase, isto é, pelo SN Sujeito e pelos complementos subcategorizados, são as chamadas posições argumentais (posições A). As posições não argumentais (posições A' – leia-se A-barra) compreendem a posição Comp, a posição de especificador de SComp e a posição do elemento adjunto numa configuração de adjunção.¹²

Para Chomsky (1981), posições argumentais são aquelas a que se podem atribuir papéis temáticos e incluem as posições ligadas às funções gramaticais de sujeito ou objecto. O movimento A é, então, o movimento de um SN para uma posição A. Nessa fase da teoria, estabelecia-se que a posição de sujeito fosse [Esp, SFlex], vista como a posição de base dos sujeitos em frases transitivas e intransitivas.

Durante muito tempo, na teoria, as posições A' foram definidas em função das posições A, isto é, as posições A' eram aquelas que não tendo as características das posições A não podiam ser classificadas como tal. No entanto, actualmente já é possível atribuir propriedades intrínsecas a este tipo de posição, que será definida como uma posição que apresenta características de operador. Em PE temos, como exemplo, duas posições-A' prototípicas: são elas [Esp, SComp] – destinada a construções interrogativas e relativas - e [Esp, SNeg] uma vez que ambas albergam operadores.

¹² Cf. Raposo (1992: 131).

Assim sendo, pode-se dizer que uma posição é A ou A' tendo em conta não só a relação configuracional que estabelece com um núcleo mas também o conteúdo das categorias que estão em tal relação. Ora, isto leva-nos a colocar como hipótese que os sujeitos negativos possam ocupar uma posição que é tipicamente A, mesmo tendo um estatuto A'.

Sabemos hoje também que a posição base do sujeito temático é interna a SV, movendo-se depois o SN Sujeito para [Esp, SFlex] por razões de verificação de caso nominativo (cf. Sportiche (1988)). Normalmente são apresentados vários argumentos que confirmam o estatuto A da posição canónica do sujeito referencial. Alguns desses argumentos serão aqui usados para defender que também os sujeitos negativos se encontram numa posição argumental-A.

2.3.3. A proposta de Laka (1990)

Laka insere-se no grupo de linguistas que propõem que o SU é interno a SV e que depois sobe; defende ainda que, se o sujeito negativo não pode ocupar a posição de especificador de Ac por se tratar de um constituinte com características de operador nem a posição de [Esp, SComp], já que co-ocorre com complementadores à esquerda, então terá de haver uma outra posição entre as duas que será, segundo esta autora, [Esp, SΣ]. Observando os dados do Inglês e do Basco, a autora conclui que existe um paralelismo sintáctico entre construções negativas (Neg) e construções afirmativas enfáticas (Aff). Vejam-se os exemplos, retirados de Laka¹³.

(42) Mary didn't leave. Mari **ex** da joan.

(43) Mary did leave. Mari da joan.

¹³ Laka (1990: 84).

Seguindo a ideia de Chomsky (1957) de que existe um morfema Aff que induz o suporte *do* tal como a negativa o faz, Laka argumenta, que, tal como Neg pode ser núcleo da sua própria projecção funcional (de acordo com Pollock 1989), também haverá um X° Aff que projecta um SAff. Propõe, então que SNeg e SAff são instanciações de uma mesma categoria funcional, Σ .

“These two heads (Neg and Aff) are further argued to belong in the same syntactic category, which I will call Σ . Thus, both NegP and AffP are claimed to be different instantiations of a more abstract projection which hosts truth-value operators like negation and affirmation.”¹⁴

A autora vai ainda mais longe ao afirmar que a grande semelhança entre a negação e afirmação enfática vai para além do Inglês e do Basco, as línguas sobre as quais recaiu a sua investigação. Pretende que as Línguas Naturais não tenham uma categoria sintáctica para a negação, mas antes que se inclua este elemento nessa categoria maior e mais abstracta que é S Σ .

Qual a posição, então que as palavras-n, (ou “n-words”¹⁵) ocuparão na estrutura da frase?

Analisando frases como (44) a, (44) b, (44) c e (44) d¹⁶, Laka entende que o constituinte *nadie* parece ter uma natureza dupla, ora comportando-se com um item de polaridade negativa, necessitando de um marcador negativo, ora assumindo comportamentos de quantificador universal, transportando consigo um significado negativo próprio.

(44) a. No vino nadie.

(Não veio ninguém)

¹⁴ Laka 1991: 3 – in Martins 1994: 330.

¹⁵ Enquanto me referir à perspectiva de Laka, usarei este termo para designar os indefinidos do tipo *nenhum, nada, ninguém*.

¹⁶ Exemplos retirados de Laka 1990: 104

- b. Nadie vino.
(Ninguém veio)
- c. *Vino nadie.
(*Veio ninguém)
- d. Nadie no vino.
(*Ninguém não veio)

Perante este quadro e contra Zanuttini (1989) que defende a existência de dois tipos de palavras-n (um tipo que co-relaciona ambientes negativos com palavras-n existenciais; e outro tipo onde existe uma co-relação entre ambientes declarativos e palavras-n universais, como veremos no próximo capítulo), Laka argumenta que existe apenas um conjunto de palavras-n e que são itens de polaridade negativa, isto é, quantificadores existenciais.

Assim, e tendo verificado o número variado de diferentes posições em que o constituinte *nadie*, em espanhol, pode ocorrer na frase, Laka concluiu que este não poderá estar em [Esp, SFlex] mas sim em [Esp, SΣ], gerada acima de SFlex.

Os exemplos seguintes¹⁷ mostram que, apesar de o quantificador pré-verbal não ter que ser sujeito da frase, a posição é restrita quanto ao número de elementos que podem preceder o verbo flexionado.

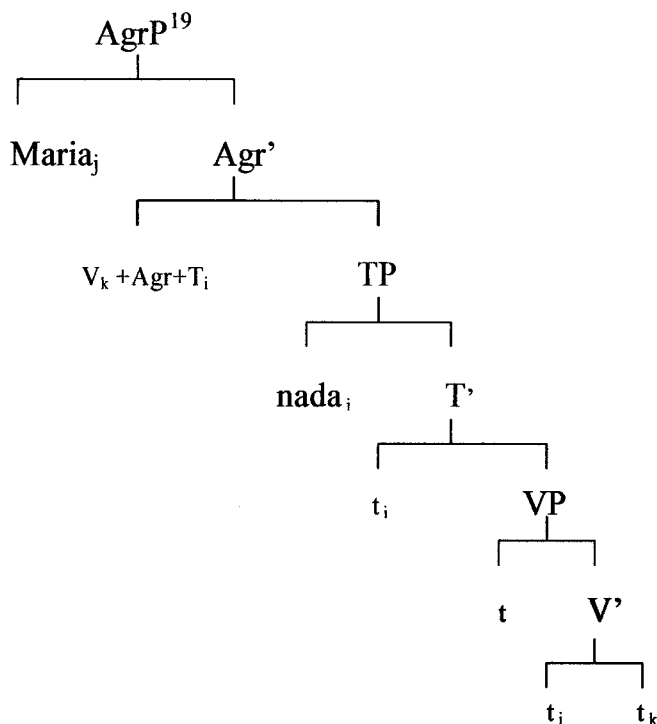
- (45) a. Maria nunca viene.
- b. Maria no viene nunca.
- c. *Maria viene nunca.
- d. Maria nunca no viene.
- e. Nada quiere Maria.
- f. No quiere nada Maria.
- g. * Quiere nada Maria.

¹⁷ in Laka 1990:117

h. Nada no quiere Maria.

Segundo Laka, as restrições na colocação das palavras-n na frase sugerem que em posição pré-verbal, essas palavras estão a ocupar uma posição única. Na sua opinião, não poderá ser [Esp, SAc] porque a posição ocupada pelas palavras-n é diferente da posição de sujeito até porque, considera, não precisam de concordar com Ac. Por outro lado, a posição [Esp, ST] não seria pré-verbal depois do movimento do núcleo para Ac, como se pode verificar na estrutura que a seguir se representa.¹⁸

(46) *Maria quiere nada.



Seguindo o pensamento de Pollock (1989), de que ST seja gerado acima de SAc, sugere-se que a concordância do sujeito se faça através do movimento do argumento para [Esp, SAc], ficando a posição [Esp, ST] livre para movimento. Laka contra-argumenta dizendo que não será possível que o sujeito e as palavras negativas ocupem uma mesma posição, não só por questões de concordância, como já referimos anteriormente, mas também porque frases

¹⁸ in Laka (1990: 121)

¹⁹ A terminologia inglesa é a usada pela autora que cito; assim, sempre que apresentar propostas de outros autores reproduzirei a terminologia usada por esses mesmos autores.

como (47), onde se tenta antepor um advérbio ao verbo, estando uma palavra-n em posição pré-verbal, não são possíveis. Se os sujeitos e as palavras negativas em posição pré-verbal ocupassem a mesma posição de Especificador, seria de esperar que os elementos que intervêm entre o sujeito e o verbo flexionado deveriam também poder separar a palavra-N em posição pré-verbal do verbo flexionado, o que não acontece como se pode verificar nas seguintes frases em que a ordem palavra negativa – advérbio – verbo é agramatical em Espanhol:

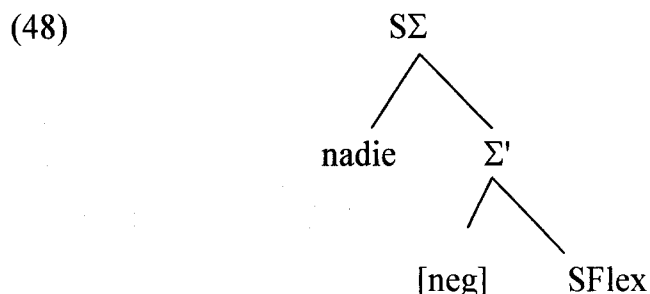
- (47) a. *Nadie frecuentemente canta en la ducha.
b. Nadie canta frecuentemente en la ducha.
c. Maria frecuentemente canta en la ducha.

Sendo possível colocar um advérbio do tipo *frecuentemente* entre o sujeito *Maria* e o verbo *canta*, tal já não é possível quando o sujeito da frase é constituído por uma palavra-n. Neste caso, a separação sujeito/verbo já não é possível, tendo o advérbio que vir depois do verbo flexionado que, por sua vez, será antecedido pela palavra-n.

Parece isto sugerir que a palavra-n se encontra numa posição mais alta do que [Esp, SFlex].

Também não poderá ocupar a posição de [Esp, SComp] uma vez que as palavras-n podem co-ocorrer com complementadores, tendo que se situar abaixo de SComp. Laka defende, então, que as palavras-n, em posição pré-verbal, se movimentam para [Esp, S Σ] e que este sintagma é gerado acima de SFlex em Espanhol. S Σ terá como núcleo um morfema negativo, fonologicamente não realizado, que licenciará o item de polaridade negativa através da relação de concordância entre especificador e núcleo. Veja-se a seguinte estrutura²⁰:

²⁰ in Laka (1990: 124).



Seguindo o pensamento de Haegeman, se admitirmos que uma posição poderá ser mista, a aceitar-se [Esp,SΣ] ou [Esp,SPol] poderia ser considerada uma posição-A por manter uma relação especificador-núcleo com o núcleo Ac e por partilhar com ela traços de concordância [pessoa,número], e uma posição-A' por ter traços [+Neg]. Porém, esta proposta não resolveria a questão da motivação da subida, isto é, aparentemente nada motiva a subida tanto do sujeito como do verbo para fora de uma posição “central” na estrutura da frase.

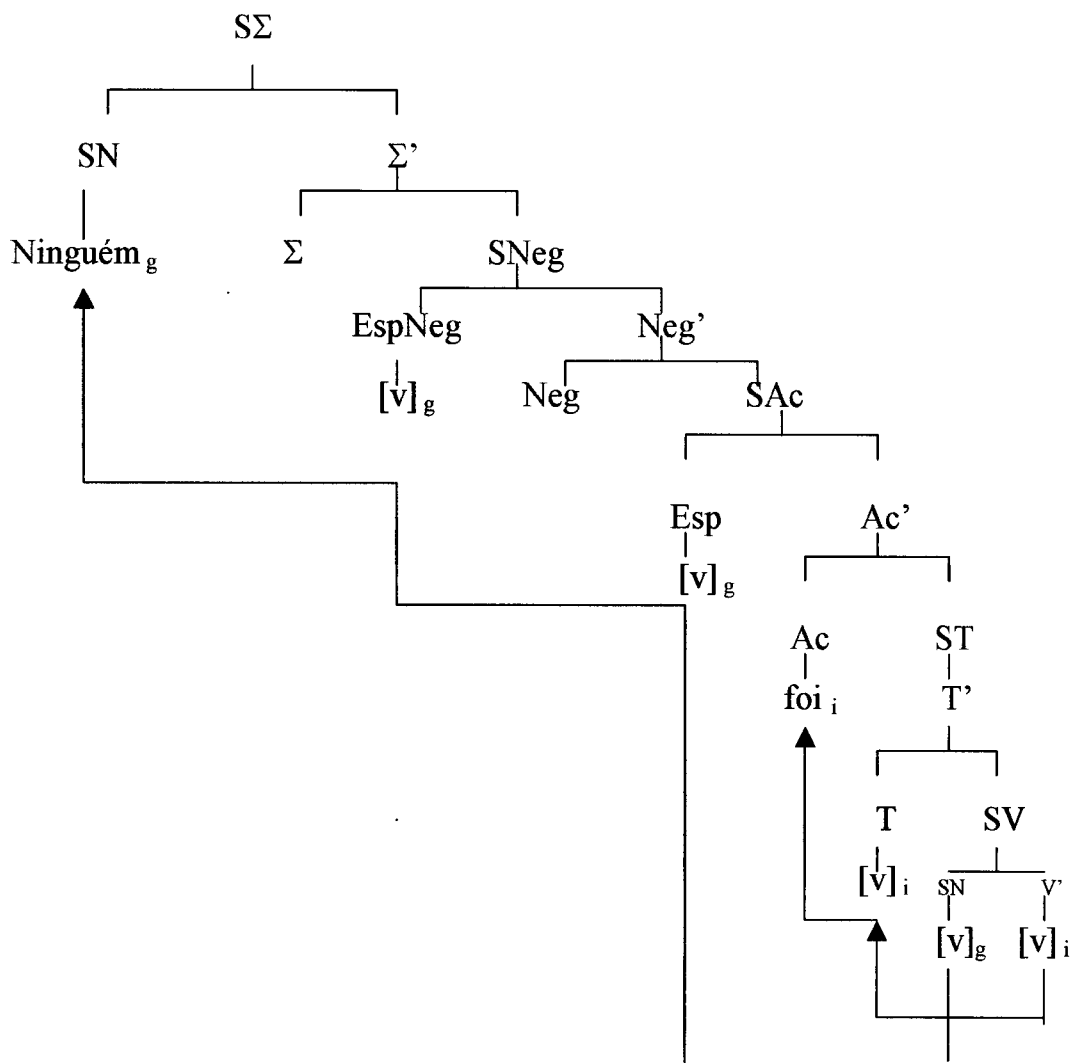
2.3.4. A proposta de Martins (1997)

A ideia da existência de uma projecção funcional, com características A', a que Laka chamou SΣ, foi apoiada, se não na sua totalidade, pelo menos em alguns aspectos relevantes por Martins num artigo elaborado no quadro do Programa Minimalista (Chomsky 1993, 1995). Assim, Martins, mais ou menos à semelhança de Laka, concebe SΣ “como expressão sintáctica das operações de afirmação e de negação proposicional. A ideia é que tal como uma proposição negativa implica uma operação de modificação por um marcador negativo, uma proposição afirmativa implica igualmente uma modificação por um marcador afirmativo. (...) O operador afirmativo é frequentemente nulo, mas pode ter realização lexical (...) Um núcleo Σ com traços afirmativos pode veicular ênfase, mas tal não é necessário.”²¹

²¹ Martins (1994: 332).

De facto, de acordo com Martins, a proposta de Laka resolveria alguns dos problemas da posição do sujeito. Veja-se o exemplo (49) e a derivação proposta.

(49) Ninguém foi (à festa).



Na verdade, a abordagem histórica que Martins²² faz desta questão, foca, essencialmente a problemática da “dupla negação”²³ que, aparentemente, constituía um fenómeno bem comum nas línguas, em épocas antigas. Todos os indefinidos negativos co-ocorriam com o marcador de negação quer se

²² Martins (1997)

²³ Leia-se aqui “dupla negação” na tradição Linguística Românica de referência neo-gramática, já que, semanticamente, este termo designa construções onde da co-ocorrência de dois itens negativos resulta uma frase positiva, isto é, a anulação da negação.

encontrassem em posição pré-verbal quer se encontrassem em posição pós-verbal, como se pode ver nos seguintes exemplos²⁴:

(50) *Que **nehuun nō** scapou nen nehua cousa que na vyla ouvesse.*

(Crónica 1344. Cintra 1954:107)

(51) *Que avya grande vontade de **nō** leixar **nehuus** do bando de Pompeu.*

(idem:111)

Esta “dupla negação” parecia não alterar o significado negativo da frase. Em algumas línguas, chegou a verificar-se uma espécie de liberdade opcional em relação ao uso ou omissão do marcador, (nomeadamente no Português do século XIX), que numas línguas terá tido a tendência de se manter, deixando de ser opcional, como é o caso do romeno, e de desaparecer noutras, como foi o caso das línguas românicas mais inovadoras, de que são exemplo o castelhano, o italiano, o português e o galego que, ao longo do tempo, deixaram de poder contar com a co-ocorrência do marcador de negação predicativa com um indefinido pré-verbal. Prova disso são os exemplos seguintes²⁵:

(52) a. Nada funciona. Castelhana - (Vallduvi 1994:276)

b. *Nada no funciona.

(53) a. Niente gli fa piacere. Italiano - (Manzotti e Rigamonti 1991:264)

b. *Niente no gli fa piacere.

(54) a. Ninguém sabe o que se passa.

b. * Ninguém não sabe o que se passa.

(55) a. Nada quero de vostede. Galego - (Alvarez, Regueira e Monteagudo
b. * Nada no quero de vostede. 1986:458)

²⁴ Exemplos retirados de Martins (1997: 180).

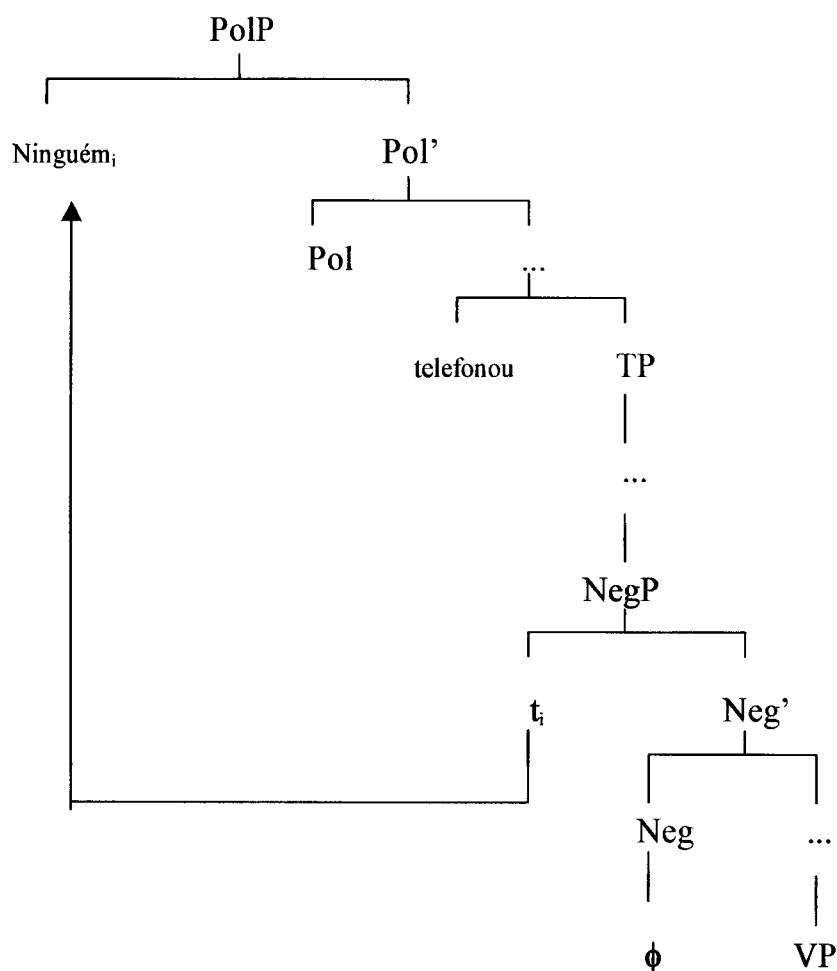
²⁵ Exemplos retirados de Martins (1997: 183).

Na esteira de Bosque (1996), Martins coloca a possibilidade de, nos romances medievais, palavras como *nenhum*, *nada* e *ninguém* serem itens de polaridade que não impunham restrições, no que diz respeito à natureza negativa ou modal dos seus indutores, podendo ser legitimados quer em contextos negativos quer em contextos modais, onde estariam associados a uma leitura positiva. A observação deste facto levou à conclusão de que certos itens impõem restrições mais fortes do que outros, no que diz respeito ao tipo de contextos em que ocorrem. Os autores designam então de itens de polaridade fortes as palavras que, basicamente, são legitimados apenas em contextos negativos, enquanto designam de itens de polaridade fracos os que poderão também ser legitimados no tipo de contextos a que Bosque (1996) designa por modais, isto é, aqueles que, nos romances medievais, ocorrem sem valor negativo.

Para o tratamento de uma frase como (56), onde o elemento negativo poderá ser uma palavra negativa gerada na posição de [Esp, SNeg], em que o núcleo de SNeg é vazio,²⁶ Martins, à luz de Zanuttini, defende a seguinte representação:

²⁶ Idem:188.

(56) *Ninguém telefonou.*



Tendo sido gerada na posição de especificador de SNeg, essa palavra negativa deverá subir até SPol de forma a verificar os seus traços de item de polaridade negativa forte.

Em qualquer dos casos, parece haver uma aproximação entre esta proposta e a de Laka, no que diz respeito ao situar das palavras negativas fora do domínio de Ac, subindo o verbo para uma posição mais baixa do que Pol.

A análise de Zanuttini, segundo Martins, deixa uma questão por analisar, a saber, a agramaticalidade em várias línguas românicas modernas de frases como (57) e a gramaticalidade deste tipo de frases na generalidade dos romances antigos (continuando a sê-lo em línguas como o romeno actual).

(57) *Ninguém não veio.

Este é, no entanto, um assunto a analisar no próximo capítulo, quando abordarmos o tratamento sintático da Concordância Negativa.

Na nossa perspectiva, há uma questão fundamental que fica pendente da análise de Martins, que é a da posição dos sujeitos negativos, deslocando-os para a periferia da estrutura o elemento que constitui o sujeito da frase, mantendo-o numa posição A' (não argumental).

Para além disso, parece-nos um pouco forçado falar exclusivamente de polaridade e de itens de polaridade negativa numa língua que manifesta claramente fenómenos de concordância negativa, diferentemente de línguas como o Inglês. Não obstante, este será igualmente assunto a desenvolver no próximo capítulo.

2.3.5. Razões a favor de que os sujeitos negativos ocupem uma posição argumental

Na nossa perspectiva, são vários os argumentos em favor de o SNSU negativo ocupar uma posição argumental na frase.

Primeiramente, defendemos que o sujeito negativo do tipo *ninguém, nenhum menino*, deverá ocupar uma posição de argumento pelo facto de o sujeito negativo, contrariamente ao que diz Gonçalves, concordar com Ac no que diz respeito aos traços de concordância nominais (terceira pessoa singular ou plural). Por outro lado, [Esp, SAc] pode realmente ter um estatuto A' pelo facto de a categoria que a ocupa ter traços negativos. Assim, os sujeitos negativos poderão ocupar uma posição A em virtude de os traços de concordância que partilha com Ac e, simultaneamente, ter um estatuto A' em virtude de partilhar traços Neg com um núcleo negativo (que, no entanto, não é realizado).

Um outro possível argumento poderá basear-se na relação de co-referência. Por exemplo, numa frase como (58) *He* e *John* não podem ser co-referenciais porque, sendo *John* uma expressão-R não pode ser c-comandada por um antecedente-A²⁷. Da mesma forma, em (59), onde também não pode haver co-referência, *nenhum menino* deverá ocupar uma posição argumental-A, estando em jogo precisamente as mesmas condições que regulam (58).

(58) He_j /*_i ; did not come because John_i was ill.²⁸

(59) Nenhum menino_j dançou porque o António_i partiu a perna.

De forma a reforçar a ideia de que a posição dos sujeitos negativos é uma posição argumental, seguiremos de perto as propostas de Duarte (1996, 1997) e de Costa (1998). Estes autores desenvolveram testes cujo objectivo era provar,

²⁷ Princípio C da Teoria da Ligação: uma expressão-R não pode ser c-comandada por um antecedente A, tem que ser livre.

²⁸ Exemplo e argumentação retirados de Haegeman (1995)

contra Barbosa (1995, 1996), que os sujeitos gramaticais em posição pré-verbal se deslocam até à posição de [Esp, SFlex]²⁹.

Um dos testes propostos em Costa (1998) foi o dos fenómenos de ligação. Se uma anáfora ou um pronome só podem ser ligados por um antecedente que ocupe uma posição-A (de acordo com a teoria desenvolvida por Chomsky 1981), um sujeito pré-verbal que ligue uma anáfora ou um pronome deverá ocupar uma posição-A³⁰.

(60) Todos os coelhos_i comeram a sua_i cenoura.³¹

A mesma relação de ligação acontece quando o SN sujeito é composto por um constituinte negativo, tal como exemplificado em (61 a) e (61 b). Nestas frases, o pronome possessivo *sua* tem como antecedente os SNs *nenhum coelho* e *ninguém*.

(61) a. Nenhum coelho_i comeu a sua_i cenoura.
b. Ninguém_i comeu a sua_i cenoura.³²

Também nos exemplos que se seguem, os SNs *nenhuns meninos*, *nenhum convidado* e *ninguém* são os antecedentes do reflexo *se*.

(62) a. Os meninos_i podem-se_i ferir com brinquedos de pontas afiadas.
b. Nenhuns meninos_i se_i podem ferir enquanto brincam.
c. Ninguém_i se_i lavou na água do rio.
d. Nenhum convidado_i se_i fartou de comer as iguarias apresentadas.

²⁹ Será de referir que descreverei uma F como SFlex e não como SAc, sempre que tal não seja relevante.

³⁰ Barbosa (1995) argumenta a favor de uma análise em que o sujeito é “left-dislocated” e o antecedente local de *sua* é um pro nulo em Esp de SV.

³¹ Exemplo retirado de COSTA (1998:26).

³² Esta frase deixa algumas dúvidas em relação à existência de uma segunda entidade, o Alocutário. Mas aqui o que interessa é uma interpretação do exemplo, em que se processa uma relação de antecedência entre *ninguém* e o pronome.

A observação dos exemplos (61) e (62) permitirá concluir que o antecedente, mesmo sendo uma palavra negativa, ocupa uma posição-A.

Poder-se-ia objectar, como propõe Barbosa (1995), que o antecedente local (mais perto) da anáfora ou do pronome ligado é *pro*, o argumento externo, na posição de [Esp, SV] e que os SNs *todos os coelhos*, *nenhum jogador*, *ninguém*, *nenhuma criança*, dos exemplos seguintes, se encontram numa posição de deslocação à esquerda, isto é, numa posição A'. No entanto, como mostra Costa (1998)³³, se tivermos um pronome anafórico inserido numa sequência parentética, o seu antecedente não pode ser o sujeito nulo à direita, em Esp de SV, porque este não c-comandaria a anáfora:

(63) Todos os coelhos_i durante a sua_i refeição, comeram uma cenoura.

(64) a. Nenhum jogador_i durante o seu_i jogo, fez batota.

b. Ninguém_i durante a sua_i refeição, bebeu vinho.

(65) Nenhuma criança_i, nas suas_i leituras, deixa de apreciar as ilustrações do livro.

Quer (64) quer (65) contêm pronomes ligados *seu* e *suas* por uma expressão quantificacional (*nenhum jogador*, *nenhuma criança*), que se encontra numa posição à esquerda, mas tal posição não pode ser a de tópico (A'), porque sabemos que as expressões quantificadas não podem ocupar a posição de tópico. Veja-se o exemplo (66).

(66) ***Nenhuma criança**, o João (**não**) chamou.

Em síntese, não há razão para propor nem que o antecedente local da anáfora seja um argumento externo nulo (*pro*) na posição de Esp de SV nem que tal antecedente ocupe uma posição A', exterior a SFlex; o antecedente local do pronome *seu/sua(s)* é a expressão quantificada e, se isso é assim, estamos

³³ Costa (1998:26)

perante um caso de relação anafórica com antecedente em posição argumental-A.

Vejam agora como se comportam os constituintes negativos relativamente a outros movimentos. De acordo com o princípio da Minimalidade Relativizada³⁴, (Rizzi 1990, Duarte 1987, 1996 e Costa 1998) (princípio que, em geral, equivale ao ECP³⁵ na TRL e que no Programa Minimalista está contido na condição de Elo Mínimo – “Minimal Link Condition”), se houver um constituinte em posição pré-verbal, uma posição A’, por exemplo um tópico, então o movimento de um constituinte interrogativo para a esquerda desse constituinte, para [Esp, SComp] ou similar, deve ser impossível. Veja-se a agramaticalidade de (67) e de (68).

(67) * A quem, esse lápis, ofereceste ontem?

(68) * A quem, nenhum lápis, ofereceste ontem?

Os exemplos (69 a), (69 b) e (69 c), que são gramaticais, mostram que o movimento dos constituintes interrogativos não se processa para além de posições A’, o que significará, uma vez mais, que quer sujeitos negativos quer sujeitos referenciais não poderão ser constituintes deslocados à esquerda, numa posição (A’), ocupando antes uma posição argumental:

(69) a. Que livro o Paulo leu?

b. Que livro nenhum menino leu?

c. Que livro ninguém leu?

³⁴ Minimalidade Relativizada: “De acordo com o princípio da minimalidade relativizada, quando um constituinte é deslocado para uma posição de um determinado tipo, não pode saltar qualquer posição de natureza semelhante.” In Costa (1998: 27)

³⁵ ECP - “Um vestígio tem que ser N-regido (regido por um núcleo) (...) este é um princípio «forte» da gramática. Ou seja, qualquer violação (...) induz um forte desvio de gramaticalidade, sem efeitos cumulativos dependendo do número de barreiras entre um regente potencial e o vestígio.” in Raposo (1992: 414).

A topicalização do objecto directo para a esquerda de um sujeito pré verbal também não induz quaisquer problemas de minimalidade, quer os sujeitos sejam “referenciais”, quer sejam negativos, como mostram os exemplos (70 a), (70 b), (70 c), (71) e (72), o que nos leva a concluir que a posição ocupada pelo sujeito negativo é uma posição-A.

(70) a. Esses livros, o Paulo leu-os o ano passado.

b. Esses livros, nenhum menino (os) leu até hoje.

c. Esses livros, ninguém (os) leu até hoje.

(71) Os bolos, ninguém comeu na festa do Gonçalo.

(72) Ossos, ninguém deita na sopa.

Podemos concluir, então, que a ausência de efeitos de minimalidade relativizada constitui de novo evidência a favor da análise tradicional, de acordo com a qual os sujeitos pré-verbais em PE, quer sejam negativos ou não, se encontram em [Esp, SFlex].

Um outro teste aplicado por Costa (1998) é o da topicalização múltipla; vamos ver se ele nos dá também algumas indicações sobre sujeitos negativos.

Nos verdadeiros casos de topicalização múltipla, a ordem dos constituintes antepostos não é rígida, como se pode ver nos exemplos seguintes, exigindo, porém, as frases do tipo de (74), uma pausa na sua enunciação entre o segundo SP e o verbo para serem aceitáveis:

(73) Com a Maria, o Pedro falou ontem.

(74) a. (?) Com o Pedro, sobre o tempo, falei ontem.

b. (?) Sobre o tempo, com o Pedro, falei ontem.

Se os sujeitos negativos ocupassem posições de deslocação à esquerda, posições A', então seria natural que os seguintes exemplos fossem marginais como o são (74 a) e (74 b). Ora, os exemplos seguintes são completamente aceitáveis, o que mostra que *ninguém*, *nada* ocupam posições A, a posição final de sujeito frásico, especificador de SFlex.

- (75) a. Sobre o tempo, *ninguém* falou ontem.
- b. Com a Maria, *ninguém* consegue conversar.
- c. Com a Maria, *nada* aconteceu.

Outro fenómeno importante para decidir a posição dos sujeitos negativos é o comportamento dos advérbios. Vejam-se os seguintes exemplos:

- (76) a. ?A Maria *frequentemente* canta no banho.
 - b. A Maria canta *frequentemente* no banho.
 - c. A Maria canta no banho *frequentemente*.
-
- (77) a. ? A Maria *frequentemente* vai a Paris.
 - b. A Maria vai *frequentemente* a Paris.
 - c. A Maria vai a Paris *frequentemente*.

Em (76 a) e em (77 a) o verbo faz um movimento curto até T. Nos exemplos (b), o movimento do verbo é longo, até Ac. Em (c) temos também movimento longo do verbo e, presumivelmente, movimento do complemento.

Contra Laka, pode talvez dizer-se que, com sujeitos não negativos, a posição entre o sujeito e o verbo dos advérbios de frequência (temporais-aspectuais) embora não sendo a mais natural, não é motivo de agramaticalidade, como mostram os exemplos acima apresentados.

Do mesmo modo, **nunca** pode colocar-se a seguir a um sujeito negativo:

(78) *Ninguém nunca* disse isso.

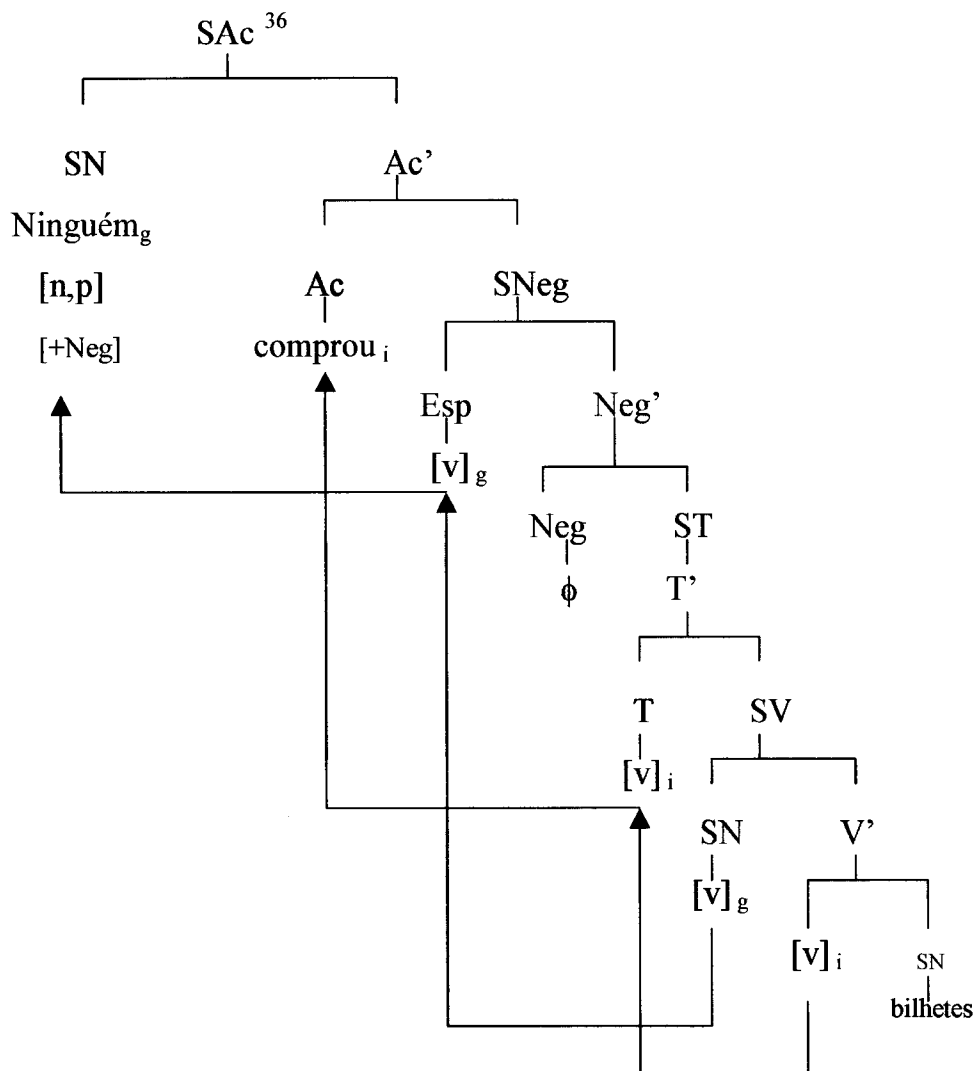
Em (78) *ninguém* estaria numa posição de especificador de SAc e **nunca** seria adjunto a ST; por sua vez, o verbo faria um movimento curto até T (cf. Costa 1998). Isto quer dizer que a possibilidade de um advérbio como **nunca** se colocar entre o sujeito *ninguém* e o verbo é um argumento a favor da posição dos sujeitos negativos em especificador de SAc.

O recurso aos testes utilizados por Duarte (1997) e principalmente por Costa (1998) para mostrar a posição dos sujeitos referenciais em Português, assim como a posição do advérbio **nunca**, permitiu-nos não só provar que os sujeitos negativos têm um comportamento sintáctico semelhante ao dos sujeitos pré-verbais definidos/indefinidos, como também verificar que, apesar de terem características A', por serem negativos e quantificacionais, se encontram numa posição argumental A. Assim sendo, tal como os sujeitos referenciais, os negativos serão gerados internamente a SV, recebendo aí o seu θ -role, subindo depois para SFlex.

Como verificámos no ponto 2.3.3, na proposta de Laka, a existência de uma nova categoria funcional $S\Sigma$ seria uma resolução relativamente fácil, mas que deixaria por resolver a questão de $S\Sigma$ estar numa posição “periférica” na estrutura da frase e de não haver uma motivação evidente para esta subida do sujeito.

Por outro lado, colocar o sujeito negativo em [Esp, SAc] resolve não só esta questão, como ainda diminui o número de movimentos necessários para a verificação dos traços dos constituintes da frase. Em baixo apresenta-se a derivação de uma frase como (79).

(79) Ninguém comprou bilhetes.



Em conclusão, pensamos ter provado que a posição dos sujeitos negativos é a de [Esp, SFlex] (ou SAc, consoante a análise adoptada).

Haegeman defende que o sujeito negativo sobe directamente para [Esp, SAc], posição que, segundo a autora, à partida deveria ser imprópria, já que é a posição dos sujeitos referenciais. Para outros autores, estes sujeitos necessitam de um lugar de poiso diferente dos sujeitos não negativos uma vez que

³⁶ SAc tornado equivalente a um Sintagma de polaridade ou a uma frase negativa por percolação do traço negativo (Acordo Esp-núcleo e subida/percolação).

apresentam características diversas destes. Quer-nos parecer, porém, que se uma palavra é intrinsecamente negativa, os traços que traz de negatividade não devem ser impeditivos da ocupação de uma posição que é dos sujeitos na estrutura da frase.

Assim sendo, podemos dizer que o sujeito negativo se encontrará numa posição argumental A³⁷. Também outras palavras negativas ocuparão, no nosso entender, posições argumentais, como veremos no próximo capítulo, que será dedicado a um estudo um pouco mais aprofundado da Concordância Negativa.

³⁷ Alguns pontos da análise da estrutura das frases negativas serão retomados no capítulo seguinte, ao tratarmos a Concordância Negativa.

CAPÍTULO 3:

Concordância Negativa em Português e em Afrikaans

3. Concordância Negativa em Português e em Afrikaans

3.1. Dupla Negação vs Concordância Negativa – algumas reflexões

Antes de entrarmos propriamente no estudo da Concordância Negativa, justifica-se, uma vez mais, fazer uma aproximação à Dupla Negação.

Como foi já abordado muito brevemente nos capítulos anteriores, existem línguas em que, da co-ocorrência de dois itens negativos no mesmo domínio sintáctico resulta uma interpretação positiva e, por isso, o cancelamento da negação. Este fenómeno está relacionado com o facto de, nestas línguas, a presença de um marcador negativo ou de uma palavra negativa não permitir a co-ocorrência de outros elementos da mesma natureza, dentro do seu domínio sintáctico, requerendo antes a presença de palavras não inerentemente marcadas com o traço [+ neg].

São exemplo disso as línguas germânicas em geral, nomeadamente o Inglês e o Alemão, entre outras. Vejamos como se comporta a negação nestas línguas:

(1) *I did **not** do **nothing** to **nobody**.

(2) I did **not** do *anything* to *anybody*.

(3) a. **Nobody** *ever* said so.

ninguém alguma vez disse isso

b. **Never** did *anybody* say so.

em tempo algum *pass* alguém disse isso.

c. ***Nobody** **never** said so.

Ninguém nunca disse isso

d. ***Never** did *nobody* say so.

Nunca *pass* ninguém disse isso

Nestas frases, as palavras em itálico são itens de polaridade cuja ocorrência está dependente da presença de um elemento negativo que as antecede (a negrito). Assim, se esse elemento fosse retirado ou substituído por um auxiliar afirmativo, a frase seria agramatical, uma vez que a ocorrência do item de polaridade não estaria devidamente licenciada sob o escopo da negação.

Assim, em Inglês, geralmente os itens de polaridade negativa só são permitidos se forem c-comandados por um elemento negativo, isto é, estas palavras/expressões transportam requisitos convencionais que limitam a sua distribuição. Vejam-se os exemplos (4).

- (4) a. Mary **didn't** carry *any* bags.
b. They **haven't** arrested a true thief *yet*.
c. Peter **doesn't** *ever* eat meat.
d. I'm **not** *all that* sad with Peter.
e. They **didn't** contribute *a red cent* to the cause.

Por outro lado, existe um grupo de palavras que constituem itens de polaridade afirmativa aparentemente paralelo às negativas, são elas *some*, *already* e *would rather* que, em nenhum momento, mesmo sob escopo da negação, obtêm valor negativo, como mostram os exemplos seguintes:

- (5) a.* Mary **didn't** carry *some* bags.
b.* They **haven't** *already* arrested a true thief.
c.* I **wouldn't** *rather* eat meat.

Para além disso, parece existir uma assimetria entre sujeito/objecto, no que diz respeito aos itens de polaridade negativa, como se pode ver em (6).

- (6) a. *I ate *anything*.
b. I did **not** eat *anything*.
c. **Anyone* ate the cheese.
d. **Anyone* did **not** eat the cheese.
e. *John said that *anyone* did **not** eat the cheese.
f. John did **not** say that *anyone* ate the cheese.
g. John **doubted** that *anyone* ate the cheese.
h. *John **doubted** that *nobody* ate the cheese.

Pelos exemplos (a) e (b) podemos ver que os itens de polaridade negativa são permitidos na posição de objecto se existir um outro elemento negativo. (c) e (d) ilustram a impossibilidade da existência de itens de polaridade negativa na posição de sujeito independentemente da presença de outro elemento negativo. (e) e (f) mostram que o c-comando de um elemento negativo pode atravessar fronteiras fráscas (pelo menos com certos verbos capazes de estabelecer a ponte entre frases, como *say* e *think*). (g) e (h) mostram que alguns verbos, como *doubt*, são inerentemente negativos e, por isso, capazes de licenciar itens de polaridade negativa, não podendo co-ocorrer com palavras de valor inerentemente negativo.

Assim, e no que diz respeito às posições ocupadas pelos elementos negativos, Ladusaw (1979)³⁸ defende que os elementos licenciadores devem preceder os elementos licenciados, de forma a c-comandá-los na estrutura de superfície. Linebarger (1980)³⁹ propõe que esta relação seja uma relação mais restrita de “escopo imediato”, criando um requisito de minimalidade para o licenciamento de polaridade, de forma a assegurar que nenhum outro operador lógico possa interferir entre o item de polaridade e o seu licenciador.

³⁸ Apud William Ladusaw (1996: 333).

³⁹ Idem.

As diferenças entre os chamados itens de polaridade negativa e as palavras negativas propriamente ditas, bem como as diferenças entre as várias línguas estarão relacionadas com aquilo a que Giannakidou (1997) chamou de API (Affective Polarity Items⁴⁰) que engloba elementos sensíveis a uma grande variedade de contextos de licenciamento, incluindo condicionais e interrogativas, como é o caso de *any* em (7); e os NPI (Negative Polarity Items), sensíveis apenas a contextos negativos e, por isso, consideraram alguns autores, não possuem um valor negativo inerente, sendo antes analisados como elementos universalmente quantificados que precisam de ser licenciados por um elemento negativo externo.

- (7) a. Are there *any* books on the shelf?
b. If there were *any* books on the shelf, I'd buy them.
c. There aren't *any* books on the shelf.

A este respeito, as autores falam de itens de polaridade fraca e de itens de polaridade forte, tendo por base a observação de que certos itens de polaridade negativa impõem restrições mais fortes do que outros no que concerne aos contextos em que ocorrem. Assim, em Inglês, *any* comporta-se como um item de polaridade fraca porque necessita de ser legitimado em contextos apropriados, sejam negativos, como no exemplo (7c), sejam interrogativos, como em (7a) ou condicionais, como (7b).

Por seu turno, os itens de polaridade forte apenas são legitimados em contextos negativos, veja-se (8) em Alemão:

- (8) Es gibt *niemanden* in Danemark, der zu verhungern *brauchte*.
há ninguém na Dinamarca, que fome precisa.
Ninguém na Dinamarca precisa de passar fome.

⁴⁰ “Affective contexts are negative contexts and nonnegative ones that presumably can be reduced to negation...” Giannakidou (1997:3) apud S. Sundaresan (2000:28 – versão Portable Document Format (PDF)).

A análise de frases estruturalmente mais simples permite-nos perceber que, tal como acontece em Inglês, também em Alemão não é possível a co-ocorrência do marcador negativo com outras palavras negativas.

- (9) a. Hanna sucht ein Buch.
Hanna procura um livro
- b. Hanna sucht *kein* Buch.
Hanna procura nenhhum livro
- c.*Hanna **nein/nicht** sucht *kein* Buch.
Hanna não procura nenhum livro
- d.*Hanna sucht *kein* Buch **nein/nicht**.
Hanna procura nenhum livro não

O mesmo acontece com palavras do tipo de *nada*:

- (10) a. Er sagt *nichts*.
ele diz nada
- b. Er will gar *nicht* heiraten.
ele quer nada casar
- c. Er hat *nichts* Neues gesagt.
ele aux nada de novo disse
- d.*Er **nein** hat *nichts* Neues gesagt.
ele não aux nada de novo disse

Será ainda de referir que existem algumas restrições no que diz respeito à posição que os elementos negativos podem ocupar na frase. Observem-se os seguintes exemplos⁴¹:

- (11) a. Peter mit *nichts/niemanden* zufrieden ist.
Peter com nada/ninguém contente está

⁴¹ In Haegeman (1995: 165-179).

b. *Peter zufrieden ist mit *niemanden*.

Peter contente está com ninguém

c. *Peter zufrieden mit *niemanden* ist.

Peter contente com ninguém está

Nas línguas românicas a negação processa-se de uma forma bem diferente. Nestas línguas, o fenómeno da Concordância Negativa marca as frases que, exibindo vários elementos negativos no mesmo domínio sintáctico, não assistem ao cancelamento do valor negativo, contribuindo antes para a formação de uma única instância da negação.

De acordo com Martins (1994/1997) a Concordância Negativa terá sido o processo mais natural de expressar a negação, e apenas através de processos evolutivos das línguas se perderam algumas dessas características. É por essa razão que, no Inglês “non-standard” ou até mesmo durante o processo de aquisição da língua inglesa, enquanto língua materna, assistimos ao uso de frases como (12) e (13), onde, apesar da co-ocorrência, em princípio não permitida nesta língua, de vários elementos negativos na mesma frase, se mantém o significado e valor negativo da frase.

(12) *Nobody don't* like me.⁴²

(13) I *don't* do *nothing* to help *nobody*. (“non-standard English”)

Contrariamente a Rizzi (1982) e Laka (1990) que sugeriram que, nas Línguas Românicas, o fenómeno da Concordância Negativa se devia ao facto de as palavras negativas constituírem itens de polaridade subespecificada, licenciados por um operador negativo externo independente, Zanuttini (1991) defende que as palavras negativas são dotadas de um valor negativo intrínseco, dado que podem ocorrer isoladas, enquanto resposta a uma pergunta, como em (14), tornando negativa a frase em que ocorrem. Para além disso, nunca surgem

⁴² Retirado de McNeill 1966, apud Ian Roberts (1997: 269).

em frases afirmativas com valor positivo, como ilustra a agramaticalidade de (15). Podem ainda ocorrer sem o marcador de negação, tendo a capacidade de tornar negativo todo o predicado, como em (16).

- (14) a. Chi hai visto? *Nessuno*. (Italiano)
b. Comeste alguma coisa? *Nada*. (Português)

- (15) a. *Hai visto *niente*?
b. *Comeste *nada*?

- (16) a. Voglio o te o *nessuno*.
b. Quero-te a ti ou a *ninguém*.

No entanto, as línguas impõem certas restrições na possibilidade que as palavras negativas têm de ocupar determinadas posições na estrutura da frase e é exactamente esta questão que tem levantado problemas no que diz respeito à análise da Concordância Negativa nas diferentes línguas. Apesar de o objecto de estudo deste trabalho não ser a Concordância Negativa em todas as línguas que iremos abordar, as “amostras” que se seguem servirão para ilustrar o funcionamento deste fenómeno numa perspectiva translinguística. Vejamos então alguns exemplos:⁴³

- (17) a. *Ho visto *nessuno*. (Italiano)
b. *He visto a *nadie*. (Espanhol)
c. *Vi *ninguém*. (Português)

- (18) a. **Non** ho visto *nessuno*. (Italiano)
b. **No** he visto a *nadie*. (Espanhol)
c. **Não** vi *ninguém*. (Português)

⁴³ Exemplos retirados de Zanuttini (1994:441). Itálicos e negritos introduzidos por mim.

- (19) a. *Nessuno* ha detto *niente*. (Italiano)
b. *Nadie* ha dicho *nada*. (Espanhol)
c. *Ninguém* disse nada. (Português)

A análise destas frases, provenientes de diferentes línguas, permite concluir que, em posição pós-verbal, só é possível a ocorrência de uma palavra negativa se, em posição pré-verbal, estiver presente o marcador negativo, caso contrário a frase resulta agramatical. Por outro lado, e como já tínhamos visto anteriormente, essas mesmas palavras podem surgir em posição pré-verbal e até licenciar outras palavras negativas na frase, desde que não co-ocorram com o marcador negativo.

Em resumo, em Português, Italiano e Espanhol, parece existir uma assimetria entre o marcador negativo e as palavras negativas pré-verbais. Enquanto as pós-verbais precisam de um elemento negativo antes do verbo, as pré-verbais não podem co-ocorrer com o marcador frásico do tipo de **não**. Assim, aparentemente, estas línguas seguem o mesmo padrão de distribuição dos elementos negativos.

- (20) a. **No** he visto a *nadie*.
b. A *nadie* he visto.
c. *He visto a *nadie*.
d. *A *nadie* **no** he visto.

- (21) a. Maria **non** avrebbe *mai* detto una cosa del genere.
b. *Mai* Maria avrebbe detto una cosa del genere.
c.* Maria avrebbe *mai* detto una cosa del genere.
d. **Mai* Maria **non** avrebbe detto una cosa del genere.

- (22) a. O Rui **não** chamou *ninguém*.
b. *Ninguém* chamou o Rui.
c. **Ninguém não* chamou o Rui.
d. *O Rui chamou *ninguém*.

Antes de fazer uma aproximação sintáctica de algumas línguas, em particular do Português Europeu e do Afrikaans, vamos ver como tem sido tratado o fenómeno da Concordância Negativa na literatura.

3.2. Tratamentos da Concordância Negativa

3.2.1. A Proposta de Ladusaw (1996)

Segundo Ladusaw (1996), a propósito do valor semântico da Concordância Negativa, a ocorrência de vários itens negativos numa mesma frase não significa que a sua interpretação envolva duas ou três expressões independentes da negação. Pelo contrário, essas expressões manifestam apenas uma negação, redundantemente indicada em dois ou três lugares diferentes da frase. No entanto, essa redundância é apenas aparente, uma vez que se retirássemos, por exemplo, o elemento negativo pré-verbal a frase tornar-se-ia agramatical, perdendo a sua construção de Concordância Negativa.

O que Ladusaw pretende dizer é que, apesar de se distribuir por vários elementos da frase, a negação é apenas uma e que todos os elementos, cada um à sua maneira, contribuem para estabelecer a negação. Porém, levanta o problema de qual desses elementos expressa de facto a negação. O que o autor tenta provar é que nem todas as palavras negativas têm o mesmo valor dentro da frase. Se assim for, uma palavra do tipo *ninguém*, *nenhum* só terá uma leitura negativa se estiver na posição de sujeito, como no exemplo (23):

- (23) a. *Ninguém* comeu *nada*.
b. *No one* ate *nothing*. (Inglês não standard)
c. *Nessuno* ha detto *niente*.

Ladusaw defende esta perspectiva partindo da observação de frases em que, estando estes elementos em posição pós-verbal, a frase só seria gramatical se estivesse dentro do escopo de um outro elemento negativo que o licenciasse, estando esse outro elemento negativo em posição pré-verbal, como em (24). Caso contrário, a Concordância Negativa não funcionaria e o resultado seria uma frase agramatical, como em (25).

- (24) a. A Maria **não** falou com *ninguém*.
b. Mary didn't talk to *no one*. (Inglês não standard)
c. Maria **no** ha parlato a *nessuno*.

- (25) a. *A Maria falou com *ninguém*.
b. *Mary talk to *no one*. (Inglês não standard)
c. *Maria ha parlato con *nessuno*.

O autor propõe então uma distinção entre estes dois tipos de palavras, tendo em conta o facto de exprimirem ou não negação. Exemplificando com o Português, quando *ninguém* tem valor negativo, em posição de sujeito, as outras palavras negativas sofrem um processo de “absorção negativa”. Quando se trata de *ninguém* com valor não negativo, ao princípio que governa a distribuição de *ninguém* negativo chama “incorporação negativa”. Ladusaw assume que os elementos de Concordância Negativa são existenciais dentro do escopo de uma negação como em (26)⁴⁴:

- (26) “In languages that show NC, when two negative quantifiers raise they undergo a process which we will informally call factorization: instead of

⁴⁴ In W.Ladusaw, versão PDF

creating two (or more) consecutive instances of an existential quantifier each preceded by an instance of negation, negation is factored out and the two (or more) existential quantifiers become one binary (or n-ary) quantifier:

$$“[\neg\exists x] [\neg\exists y] ([\neg\exists z]) = \neg[\exists x, y, z]”$$

e simplifica em (27):

(27) “In languages that show NC, after two negative quantifiers have raised they undergo negative absorption: every occurrence of a negative expression in the immediate scope of a negative expression is made nonnegative.”

Ladusaw conclui que a simples existência de Concordância Negativa constitui prova suficiente de que os elementos negativos não exprimem negação, uma vez que por si só não parecem ser capazes de expressar a negação independentemente da posição que ocupem na frase.

Deste autor reteremos fundamentalmente duas ideias: por um lado, pensamos que o tratamento da Concordância Negativa passa necessariamente por um mecanismo de Absorção-NEG, apesar de não concordarmos com a ideia de que as palavras negativas não têm valor negativo intrínseco; por outro lado, veremos mais adiante que, de facto, os vários elementos negativos têm papéis diferentes na estrutura da frase negativa.

3.2.2. A Proposta de Peres (1995)

Para dar conta do tratamento das palavras negativas em Inglês e noutras línguas semelhantes, Peres (baseado em Ladusaw) defende que as palavras negativas devem ser tratadas como indefinidos tanto nas línguas que manifestam Dupla

Negação como nas que manifestam Concordância Negativa – posição que adota e tenta defender.

Assim, as “palavras negativas” cobrem expressões que exibem duas propriedades fundamentais, a saber: em pelo menos uma posição sintáctica distinta e na ausência de qualquer operador negativo frásico, têm a capacidade de fazerem as frases que as contêm terem um comportamento negativo; por outro lado, sob o escopo da negação, têm de ser interpretadas como expressões existenciais, enquanto fora do escopo da negação têm de ser interpretados como quantificadores negativos, se nenhuma estrutura implícita, envolvendo um operador de negação, for postulada.

Desta forma, e segundo Peres, todas as palavras negativas (tanto em línguas com Dupla Negação como nas que apresentam Concordância Negativa) são indefinidos sob o escopo de um operador negativo que pode ou não estar morfológicamente realizado, como propôs Ladusaw para as línguas de Concordância Negativa. Esse operador negativo é visto como o licenciador sintático e semântico de uma ou mais palavras negativas, que se assume serem sempre itens de polaridade negativa. Para além disso, todas as palavras negativas, de acordo com o autor, parecem manter uma relação de dependência com o seu licenciador negativo (implícito ou explícito), que tradicionalmente se tem considerado como uma relação de concordância.

Apesar de não partilharmos de algumas das questões levantadas por Peres, parece-nos que levanta uma problemática importante no que diz respeito à posição e licenciamento do marcador negativo e das palavras negativas, isto é, é de reter a ideia da importância dos itens negativos estarem em posições de licenciador ou de licenciado.

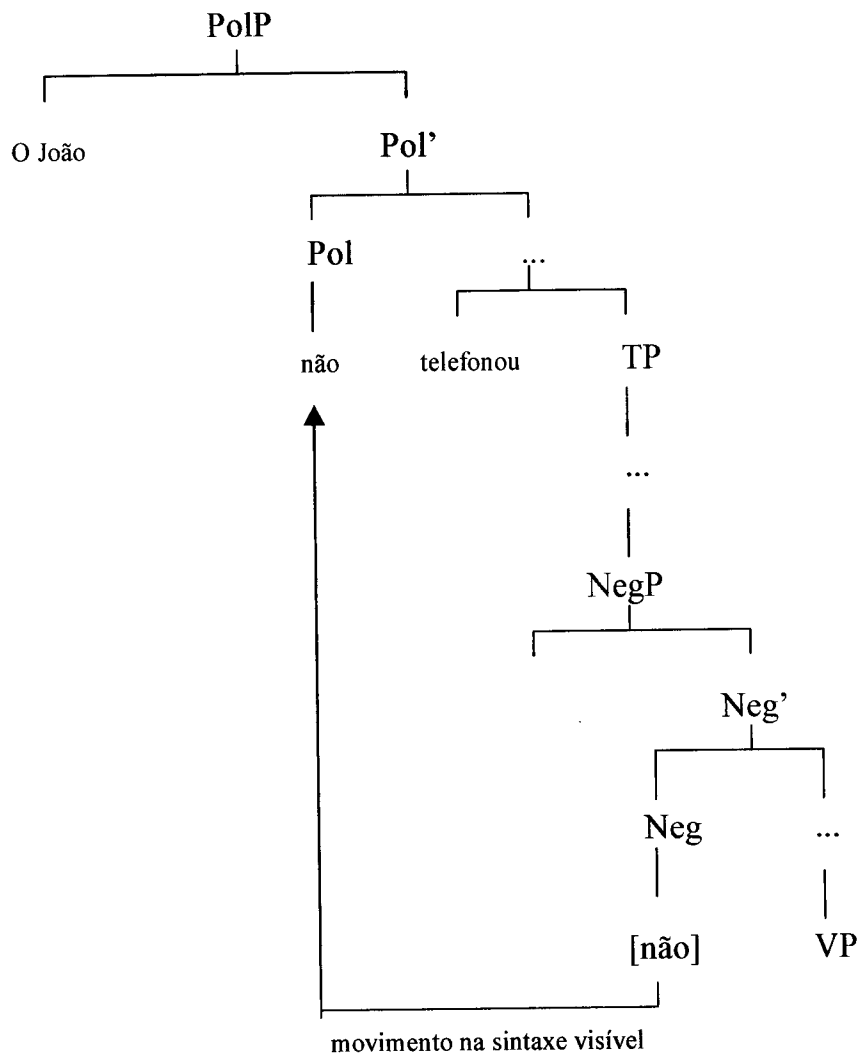
3.2.3. A Proposta de Martins (1997)

Como vimos no capítulo anterior, à luz de Zanuttini, Martins defende a existência de uma categoria funcional SPol para albergar as palavras negativas. Seguindo evidências do Português antigo, sendo as palavras negativas como *nenhum*, *nada*, *ninguém* itens de polaridade que não impõem restrições quanto à natureza dos seus indutores, podem ser legitimados quer em contextos negativos quer em contextos modais, sendo, por isso, designados de itens de polaridade negativa fortes e de itens de polaridade negativa fracos, respectivamente.

Martins defende assim que, nas línguas em que os traços-Neg são fortes, um elemento negativo terá de mover-se para o domínio de SPol na sintaxe visível. Esse elemento poderá ser o marcador de negação frásica, gerado como núcleo de SNeg, como a seguir se apresenta⁴⁵:

⁴⁵ Estrutura retirada de Martins (1997: 187).

(28) O João *não* telefonou.



Martins defende então que a natureza dos indefinidos negativos, em relação à sua constituição morfológica, não será a mesma nos romances antigos e nas actuais línguas românicas. Propõe que, nas línguas românicas antigas, os indefinidos eram sub-especificados, no que diz respeito ao valor de certos traços de polaridade, admitindo que essa sub-especificação é, do ponto de vista sintáctico, a característica crucial dos itens de polaridade fracos⁴⁶.

⁴⁶ Para esta análise, Martins recorre a Rooryck (1994) e às suas noções de “subespecificação - α ” e “subespecificação-0, assim como da ideia de um sistema de traços com três valores: “ α ” – características variáveis;

Neste quadro teórico, a categoria funcional Pol (polaridade) (ou a correspondente Σ) contém traços negativos ou afirmativos ou outros, de acordo com o tipo de frase cuja estrutura integra. Martins propõe que a categoria Pol contenha sempre o mesmo número de traços de afirmação, negação e modalidade. Dessa forma, poder-se-ia pensar que Pol contém traços de “polaridade” cuja natureza é definida pela atribuição de um “valor” a cada um de três atributos: afirmação, negação, modalidade. Seria da diferente especificação do valor desses traços que resultariam as diferentes interpretações associadas a diferentes tipos de frases. Assim, por exemplo, numa frase declarativa como (29), Pol será especificado como (30).

(29) A Maria caiu.

(30) [+ af, ϕ neg, ϕ mod]

Da mesma forma, numa frase declarativa negativa como (31), Pol será especificado como (32), correspondendo sempre a especificação de “af” ou “neg” à atribuição do valor “+”, enquanto a especificação positiva de “mod” corresponderá à atribuição de diferentes valores, “int” (interrogativo), “imp” (imperativo), entre outros.

(31) Ninguém caiu.

(32) [ϕ af, +neg, ϕ mod]

O facto de, nos romances antigos, palavras como *nenhum*, *nada*, *ninguém* ocorrerem com o marcador negativo *não*, quer com interpretação negativa quer com interpretação afirmativa, poder-se-ia dever ao facto de, segundo Martins, na sua matriz morfológica integrarem traços subespecificados de valor α (variável) no que diz respeito a “negação” e “modalidade”, devendo esses valores ser posteriormente preenchidos de acordo com o contexto em que

“ ϕ ” – característica não activada (Pol neutro);

“+” - característica activada

surgissem. Esse preenchimento seria mediado pela categoria funcional Pol, não podendo esta, no entanto, “preencher” o valor subespecificado de um elemento no seu domínio. Daí que, numa frase como (50) retirada do segundo capítulo, que se retoma aqui como (33), o indefinido, segundo Martins, seja um elemento subespecificado [α neg, α mod] e daí tenha a possibilidade de ter uma leitura afirmativa. Pelo contrário, no exemplo (57), retomado aqui como (34), o indefinido tem traços-Neg positivamente especificados e, por uma questão de economia, a presença do marcador de negação torna-se excessiva.

(33) *Que nehuun nō scapou nen nehua cousa que na vyla ouvesse.*

(Crónica 1344. Cintra 1954:107)

(34) *Ninguém não veio.

Segundo Martins, o que se passa com línguas como o Português, em que a co-ocorrência de indefinidos do tipo *nenhum, nada, ninguém* em posição pré-verbal com o marcador de negação **não** não é possível, terá que ver com o facto de, nesta língua, o processo evolutivo estar completo, tendo, estas palavras perdido o seu carácter lexicalmente ambíguo, fixando-se como itens de polaridade fortes.

Este será um dos aspectos mais relevantes, para nós, da proposta de Martins; por um princípio de economia, não é possível que dois itens negativamente fortes ocorram antes do verbo. Então, desta proposta, será de reter o facto de que existem palavras com valor negativo intrínseco e de que, de língua para língua, ou mesmo dentro da mesma língua, o valor negativo dessas palavras pode variar entre ser forte ou ser fraco. Para além disso, a ideia de evolução das línguas poderá servir de justificação para o comportamento do fenómeno da Concordância Negativa em línguas como o Francês e o Afrikaans, línguas que estão a passar por fases evolutivas; desse modo, parecem possuir partículas que, sem terem um valor semântico visível, aparentemente funcionam como reforço da negação, são elas **ne** e **nie** final, respectivamente.

3.2.4. A Proposta de Matos (1999/2000/ no prelo)

No quadro do Programa Minimalista, Matos faz mais um tratamento do ponto de vista sintáctico da Concordância Negativa do que propriamente uma explicação do fenómeno do ponto de vista semântico. Contra a criação de mais projecções categoriais, a autora defende que a presença de um marcador negativo frásico não significa a existência de uma projecção funcional própria para albergar esta categoria. Pelo contrário, diz que, naquilo que respeita à negação, as frases não diferem radicalmente de outras projecções sintagmáticas.

De facto, segundo a autora, a negação, seja frásica seja de constituintes, é conseguida desde que os núcleos desses constituintes estejam sob o escopo local dos marcadores negativos **não** e **sem**, não pressupondo, portanto, a projecção nem de SPol (segundo Zanuttini 1994/1997), nem de S Σ (na perspectiva de Laka 1990) nem mesmo de SNeg (em Gonçalves 1994).

Para além disso, e segundo Chomsky (1995), defende que entre em funcionamento uma operação de *compor*, (“merge” em Inglês), que estará envolvida na construção de sintagmas negados. Segundo a autora, existem dois processos possíveis desta função: *compor por selecção* (“Set-Merge”), no qual o objecto resultante leva a etiqueta do selector; ou *compor por adjunção* (“Pair-Merge”), onde o elemento adjunto não altera a categoria do objecto ao qual se adjunge. Em (36 a) opera “Set-Merge”, uma vez que a preposição negativa **sem** selecciona o SDet e projecta um SPrep *sem a ajuda da Ana*. Nos outros exemplos, em especial (35), aparentemente, estamos perante “Pair-Merge” uma vez que o marcador negativo **não** não parece seleccionar um tipo específico de sintagma categorial, podendo co-ocorrer com SFlex/ST, SA, SN, etc.

(35) a. Ele falou de um assunto **não** especialmente agradável para a Maria.

b. A **não** conclusão desse capítulo preocupa a Maria.

- (36) a. Ela fez o trabalho **sem** a ajuda da Ana.
b. Eles partiram para férias **sem** que se despedissem da Ana.

Assim, na sua perspectiva, não existe nenhuma relação de concordância entre o marcador negativo e o núcleo de uma frase negada⁴⁷.

No que diz respeito à co-ocorrência obrigatória do marcador frásico com palavras negativas pós-verbais, Matos sugere que a generalização feita anteriormente sobre a noção de escopo para se obter negação frásica constitui apenas uma parte de um requisito da negação e reformula-o:

- (37) “For a phrase (including IP) to be interpreted as negative, the lexical item that heads it must be in the scope of a negative element.”⁴⁸

De acordo com a autora, este requisito de escopo pode ser conseguido ou através de *compor* (“merge”) um marcador negativo nuclear com este núcleo lexical ou na presença de um sintagma negativo que o c-comande localmente.

No que diz respeito à impossibilidade da co-ocorrência do marcador negativo frásico com palavras negativas pré-verbais, Matos considera que, nas línguas com marcadores negativos nucleares pré-verbais, são estes que, tipicamente, definem o escopo da negação, podendo, no entanto, o domínio da frase negativa estender-se quando o marcador negativo ocupa Comp^o, como no exemplo (38)⁴⁹, ou quando uma palavra negativa aparece em posição pré-verbal como em (39)⁵⁰. Não obstante, o marcador frásico negativo não licencia interpretações negativas das expressões de polaridade subespecificada quando estas ocorrem em posição pré-verbal. Assim, enquanto em (40) temos como

⁴⁷ É a esta e a outras ideias que Matos recorre para rebater a proposta de Haegeman (1995) de analisar a Concordância Negativa à luz do Critério-NEG.

⁴⁸ In Matos:23

⁴⁹ Exemplo retirado de Matos:25.

⁵⁰ Exemplo retirado de Matos:25.

leitura *só um rapaz não sabia nadar*, em (41) as leituras possíveis serão *ninguém sabia nadar* ou *não havia um rapaz que soubesse nadar*.

(38) [CP a quem [**não** tem *ninguém* ultimamente oferecido livros]]?

(39) [**Nunca** nós dissemos isso!]

(40) *Um único rapaz não* sabia nadar.

(41) **Não** sabia nadar *um único rapaz*.

De acordo com a análise realizada por Matos, a agramaticalidade de frases como (42), onde o marcador negativo co-ocorre com uma palavra negativa pré-verbal, está relacionada com uma questão de escopo. Isto é, tanto o marcador como a palavra negativa concorrem para o mesmo escopo na estrutura, pelo facto de ambas terem escopo sobre o verbo flexionado que constitui o núcleo da frase.

(42) a. ***Ninguém não** comeu o gelado.

b. ***Jamais tu não** pensaste em mim.

No entanto, estabelecem dois domínios negativos diferentes: o elemento negativo pré-verbal estende o domínio negativo a toda a projecção que ocupa, enquanto o marcador negativo restringe-o ao predicado. Assim, em (43) existem dois domínios negativos, SX e SZ, onde SX inclui o marcador negativo núcleo, juntamente com o verbo e os constituintes que c-comanda localmente, isto é SZ. Em (44) esses constituintes são SY e SZ.

(43) a. ***Ninguém não** comeu o gelado.

b. [SX Ninguém [SZ não disse tal coisa]].

(44) a. ***Jamais tu não** pensaste em mim.

b. *[SX Jamais [SY tu [SZ não pensaste em mim]]].

No caso do Francês, e assumindo a teoria dos traços fracos e fortes, pode-se dizer que se trata de uma língua em que o marcador **ne**, tendo traços fracos, não pode por si só negar a frase, logo, a questão de conflito de escopo não se coloca. Nesta língua, o marcador negativo, sendo mais fraco, não delimita estritamente o domínio da negação frásica.

No que diz respeito ao Português, frases como (45) e (46) mostram que a agramaticalidade de (45) reside no facto de *sem que* e **não** terem ambos escopo sobre o verbo que constitui o núcleo da frase, definido redundantemente o mesmo constituinte como negativo, violando, por isso, princípios de economia. Em (46), a ocorrência dos marcadores negativos em diferentes domínios frásicos produz bons resultados, uma vez que definem como negativos dois constituintes diferentes.

(45) * Eles comeram o bolo **sem** que a mãe **não** o provasse.

(46) Eles **não** comeram o bolo **sem** que a mãe o provasse.

Matos defende que este contraste será resultado das condições na aplicação da Absorção-NEG, isto é, a Absorção-NEG só se aplica a um único domínio sintáctico, estando impedido de operar através de diferentes domínios negativos. Se apesar de actuarem sobre o mesmo verbo, os constituintes negativos delimitarem dois domínios frásicos distintos, então a Absorção-NEG não se pode aplicar. Segundo a autora, este facto pode ser provado se tivermos em conta a gramaticalidade de frases como (47),⁵¹ onde todas as palavras negativas partilham o mesmo domínio sintáctico. Em (47a) e em (47b), não existe um marcador negativo forte que delimite estritamente o verbo e os seus complementos como domínio negativo frásico. Para além disso, é a palavra negativa mais à esquerda que fixa o início do domínio negativo, c-comandando tanto as outras palavras negativas como o núcleo verbal da frase. Em (47c) **não**

⁵¹ In Matos:28.

constitui o único elemento que pode fixar o domínio negativo na frase, uma vez que só ele está em posição pré-verbal.

- (47) a. **Nunca** *ninguém* disse isso.
b. Ele **nunca** deu *nada* a *ninguém*.
c. Ele **não** deu *nada* a *ninguém*.

Em resumo, podemos concluir que, através de operações de “compor” e de “mover” Matos tenta provar que é desnecessária a projecção de mais uma categoria sintáctica [SNeg] para albergar um constituinte negativo. Isto é, à luz do Programa Minimalista, a autora tenta reduzir ao máximo o número de categorias e regras sintácticas que expliquem, neste caso, o que se passa nas línguas que manifestam Concordância Negativa. Propõe ainda um mecanismo de Absorção-NEG para explicar o facto de os vários elementos negativos poderem ocorrer na mesma frase sem que o seu valor negativo se cancele, formando uma única instância da negação.

Da proposta de Matos, que é uma das mais atraentes e que melhor se enquadra no Programa Minimalista, parece-nos de grande importância a ideia de que não pode haver domínios negativos em colisão e a ideia de que o marcador negativo por excelência, **não**, em princípio marca o predicado como negativo. Usaremos também o conceito de Absorção, para explicar a possibilidade da ocorrência múltipla de elementos negativos numa mesma frase, contribuindo para a formação de uma única instância da negação.

3.3. Algumas propostas para o tratamento sintáctico da Concordância Negativa em Português, Francês e Afrikaans

3.3.1 Em Português

Embora achemos atraentes algumas das propostas de Matos relativamente ao tratamento sintáctico da Concordância Negativa, vamos afastar-nos de algumas das suas propostas, nomeadamente na utilização da ideia de que o marcador de negação frásica **não** e equivalentes noutras línguas, ocupam uma posição de núcleo da categoria funcional SNeg. No que diz respeito às palavras do tipo de *nenhum, nada, ninguém, nunca* (ou as suas correspondentes noutras línguas românicas também aqui analisadas), elas deverão ocupar posições argumentais, no caso de serem argumentos do verbo e de adjuntos a vários sintagmas, se tiverem comportamentos que os aproximem de outros advérbios temporais-aspectuais. Quer dizer que, apesar de poderem dar um estatuto negativo à frase, estas palavras deverão ocupar as posições estruturais correspondentes à sua função sintáctica e semântica.

Tal como defendeu Martins (1997/1999),⁵² na esteira de Zanuttini, o facto de os itens negativos poderem variar entre polaridade forte ou fraca nas diferentes línguas poderá ser uma maneira de resolver a questão da (a)gramaticalidade de frases como (48), onde podemos assistir à co-ocorrência do marcador negativo com sintagmas negativos pré-verbais, possível em Catalão mas impossível em Português Europeu.⁵³

- (48) a. **Ninguém não* me viu.
b. *Ningu (no)* ha arribat.

⁵² ver capítulo anterior página 51.

⁵³ Cf. Martins (1997).

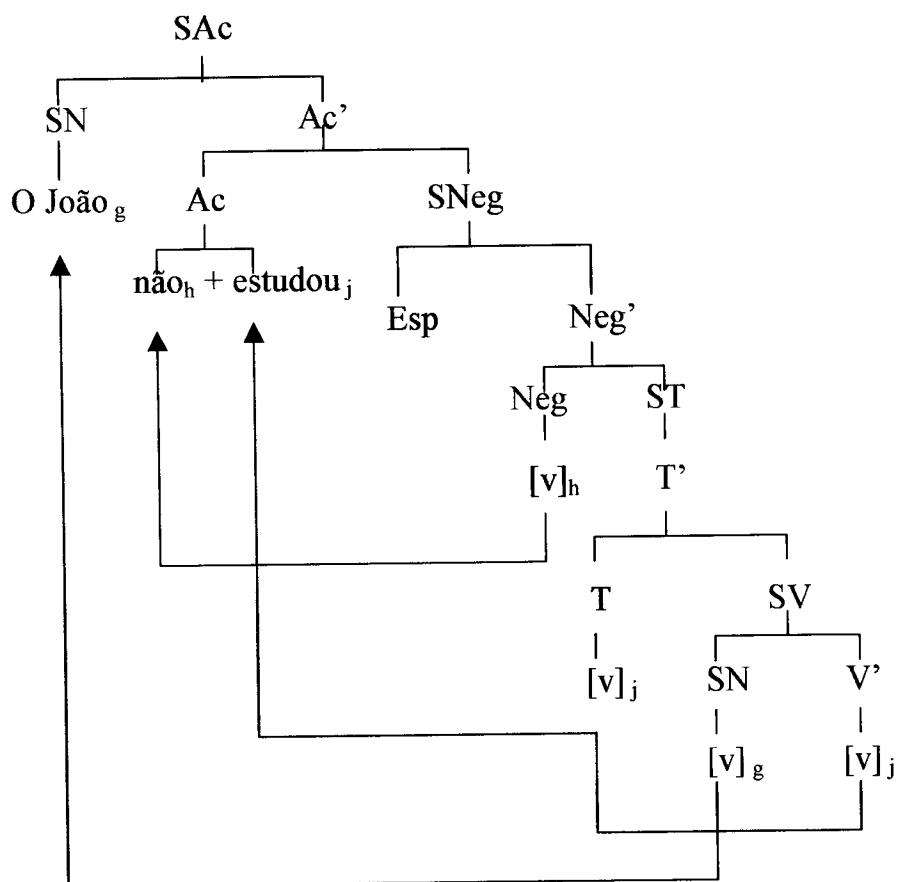
Tendo as palavras negativas em Português Europeu traços negativos fortes, o marcador **não** não poderá co-ocorrer com outros elementos com valor negativo intrínseco em posição pré-verbal.

Na nossa perspectiva, **não**, como advérbio frásico de negação que é, pode ser núcleo de um sintagma específico, SNeg. Assim, numa frase como (49), **não** será gerado como núcleo de SNeg, subindo depois para uma posição de adjunção a Ac, onde se amalgama ao verbo, não só por se tratar de um advérbio fonologicamente fraco, mas também de forma a poder ter o predicado da oração sob seu escopo, assegurando assim que a frase se torne negativa.

Em relação à estrutura de frase adoptada, a posição dos advérbios como **nunca**, que adiante exploraremos, leva-nos a manter a proposta de um tratamento com “Split Inflection” à luz de Duarte (1997) e Costa (1998). Não obstante, para frases simples com **não** seria igualmente possível e até mais económico o uso de uma única categoria funcional SFlex (IP).

Vejamus então como poderíamos representar estruturalmente uma frase como (49):

(49) O João **não** estudou.



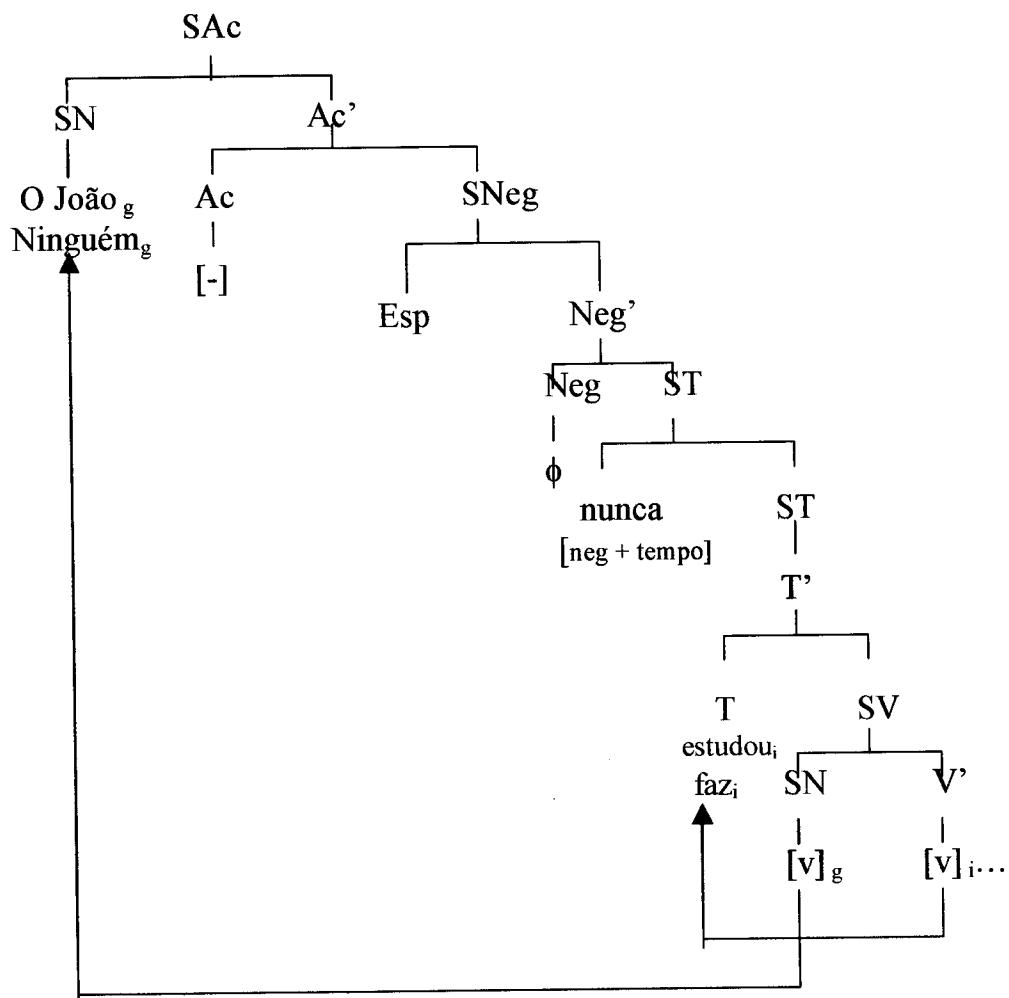
Quanto ao advérbio **nunca**: a proposta acima apresentada levanta a questão da atribuição de uma natureza fraca ou forte a advérbios como **não** e **nunca**. **Nunca**, sendo uma palavra dissilábica, nunca poderia ter uma natureza fraca. Por outro lado, não existiria motivação que justificasse a subida de **nunca** para uma posição de adjunção a Ac para junto de V. Portanto, na nossa opinião, **nunca**, dado que contém, para além de traços negativos, traços de temporalidade e até de quantificação, terá um comportamento semelhante a um advérbio temporal-aspectual, admitindo-se que será adjunto a categorias funcionais como ST ou SComp.

Em (50) **nunca** surge em posição pré-verbal tendo escopo sobre todo o predicado. Neste exemplo, o advérbio **nunca** será semelhante a advérbios como

frequentemente no estatuto de adjunto a ST; será diferente destes pelo facto de ser um operador negativo, logo a necessidade de ter escopo sobre a parte predicativa, surgindo sempre antes de V. Analisem-se os seguintes exemplos:

(50) a. *Ninguém nunca* faz os trabalhos ao Sábado.

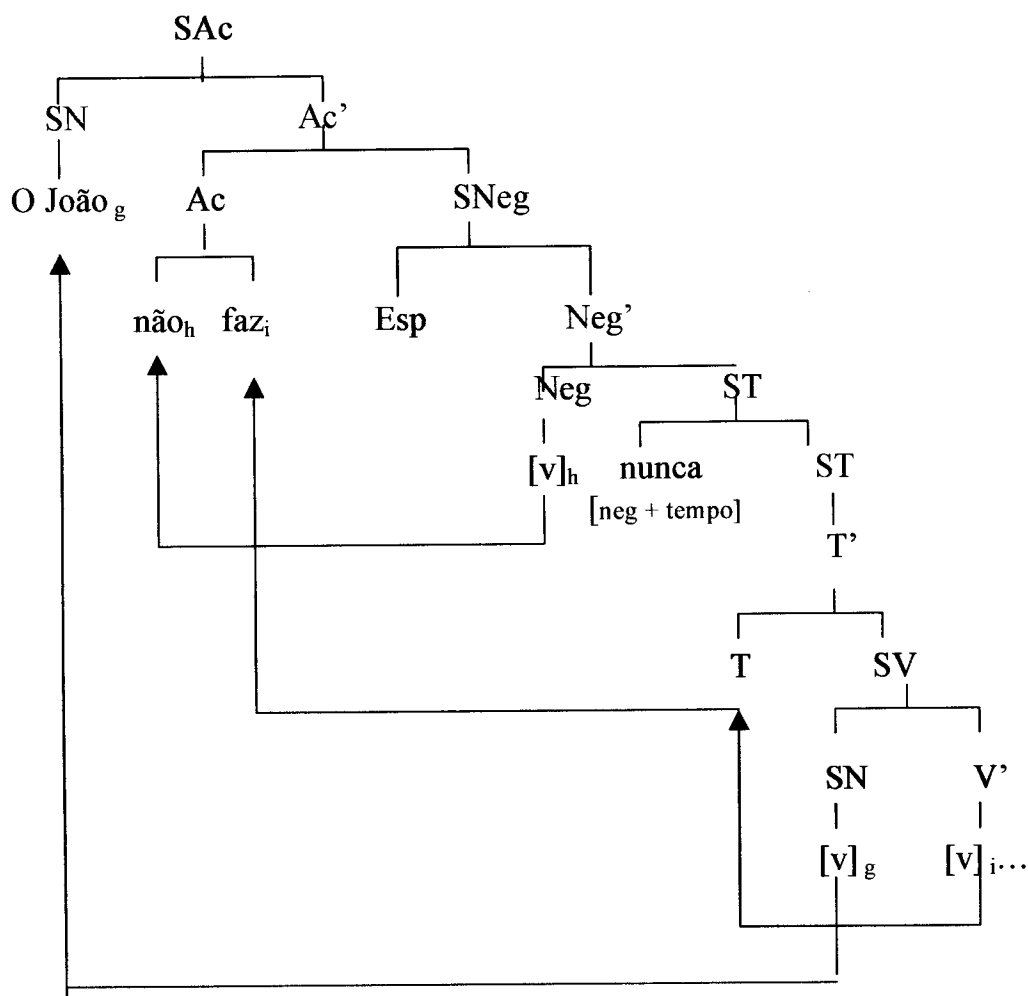
b. O João *nunca* estudou.



Em (50), dada a posição pós-advérbio do verbo, uma hipótese é que o verbo tenha um movimento curto (V para T e não V para T e Ac), (cf. Costa 1998) – recorde-se que, de acordo com o Programa Minimalista, os verbos já virão marcados do léxico, com traços de pessoa, tempo e número e só têm de os verificar em posições relevantes.

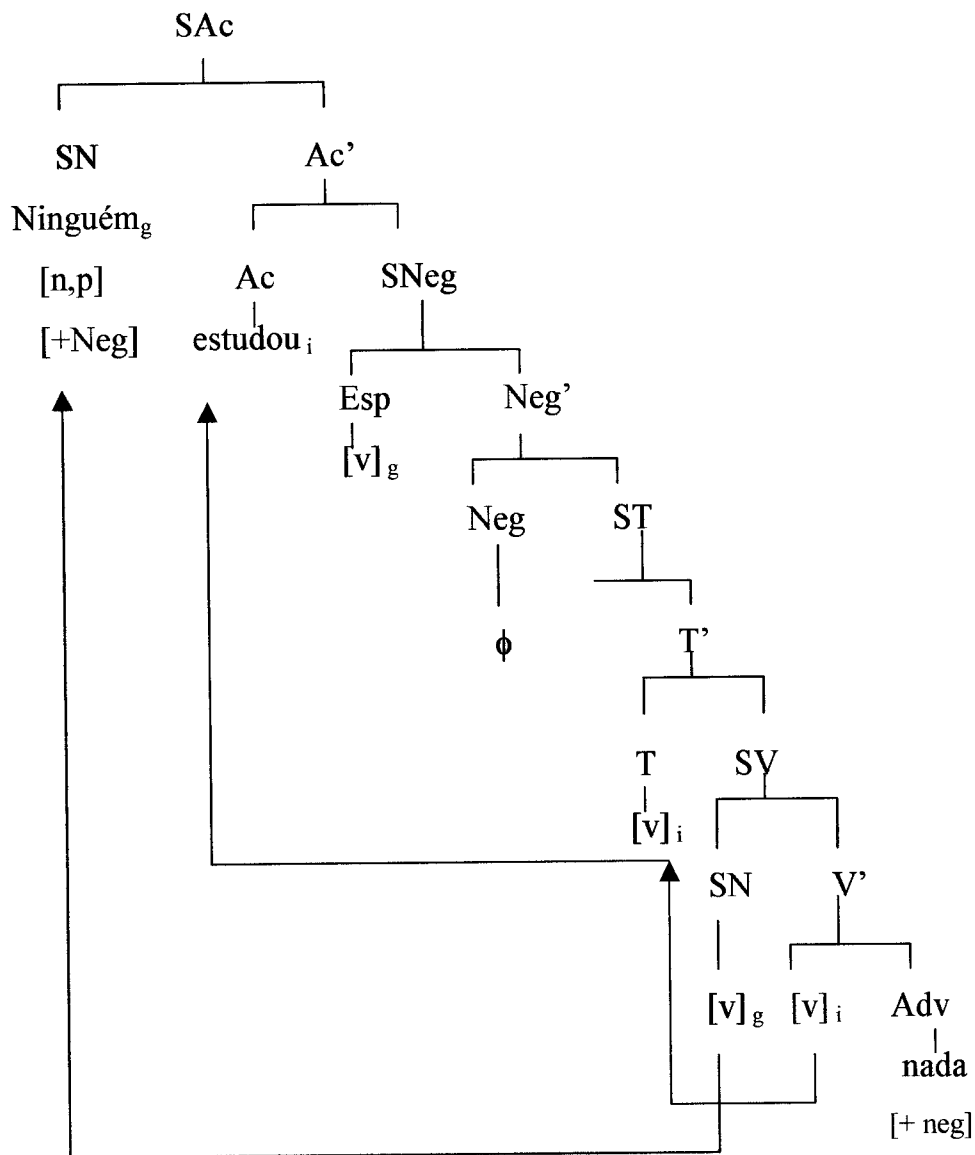
A posição de adjunção do advérbio **nunca** a ST mantém-se quando **nunca** surge em posição pós-verbal no escopo de **não** pré-verbal. De novo o verbo tem um movimento longo de V para T e depois para Ac; veja-se (51):

(51) O João **não** faz **nunca** o trabalho de casa.



Também *ninguém* e *nada* sendo argumentos do verbo, deverão ocupar posições próprias de argumentos, como se pode ver em (52):

(52) *Ninguém estudou nada.*



Como as estruturas propostas ilustram, a admitir que as palavras do tipo *nenhum*, *nada*, *ninguém* ocupam as suas posições “normais” de argumentos do verbo, no caso de serem sujeitos frásicos elas ocupam a posição de especificador de SAc ou especificador de SFlex, conforme mostrámos no capítulo dois.

Assume-se aqui igualmente que SAc é equivalente a um sintagma de polaridade ou a uma frase negativa por percolação do traço negativo, quer ele

ocupe uma posição de núcleo, como em (49) e em (51), quer de sujeito frásico, como em (50a) e (52) - (Acordo Esp-núcleo e subida/percolação).

De acordo com o quadro acima esboçado, **não** é um advérbio de negação frásica que ocupa o núcleo de SNeg; **nunca** ocupa a posição de adjunto a ST (ou SComp) e as palavras negativas como *ninguém*, *nenhum*, *nada* ocupam as posições de argumentos adequadas.

No entanto, esta posição poderia levantar uma questão. Frases como (53) seriam estruturalmente possíveis, (com *ninguém* na posição de sujeito e **não** junto do verbo depois de se ter movido da posição de núcleo de SNeg) embora agramaticais em Português Europeu:

(53) **Ninguém não* veio.

A solução para explicar a agramaticalidade de (55) não é puramente estrutural; *ninguém* constitui um item de polaridade negativa forte (cf. Martins (1997)), não podendo co-ocorrer em posição pré-verbal com o marcador de negação frásica, por princípios de economia. Por outro lado, verificámos já que *ninguém* só poderá co-ocorrer com **não** se estiver em posição pós-verbal.

Quererá isso dizer que este tipo de palavras negativas, quando sob escopo da negação, perde o seu valor negativo? No nosso entender, se uma palavra tem valor negativo intrínseco, então não o perde estando sob o escopo de outro elemento negativo, mas sim, sofre um processo de absorção, como propusemos em 3.2.1 e que aqui repetimos(cf. Ladusaw):

(54) “[¬∃x] [¬∃y] ([¬∃z]) = ¬[∃x, y(z)]”

Se for correcta a posição aqui assumida, então numa língua de Concordância Negativa do tipo do Português, as várias palavras negativas quer sejam

advérbios quer SNs ocupam as posições sintáticas correspondentes aos seus comportamentos sintáticos e temáticos, sendo o fenómeno da Concordância Negativa explicável por mecanismos de absorção, pela existência de palavras de polaridade forte e fraca e por restrições de escopo.

Ora, como vamos ver a seguir, há línguas de Concordância Negativa em que o comportamento sintático de alguns morfemas/constituintes não parece ser exactamente o mesmo. É o caso do Francês e do Afrikaans.

3.3.2. Em Francês

O Francês é uma língua que, como vimos no capítulo anterior, se caracteriza pela necessidade de co-ocorrência de dois elementos negativos no mesmo domínio sintático, para que se possa obter uma frase negativa. Como também já vimos, a sua distribuição na estrutura das frases está sujeita a bastantes restrições. Vejamos mais alguns exemplos:

(55) Ils **n'ont pas rien** dit. F Mitterrand (Le Monde, 27.6.85 página 10)⁵⁴

(56) a. Je **ne veux pas** avoir à choisir entre qui que soit.

b. *Je **ne** veux avoir à choisir entre qui que soit.

(57) a. Je **n'ai pas** entendu quelque bruit que ce soit.

b.*Je **n'ai** entendu quelque bruit que ce soit.

(58) **Ne pas** voir c'est triste.

(59) Je **n'ai** vu *personne*.

(60) *Je **n'ai** *personne* vu.

(61) Il **n'a** *rien* vu.

(62) *Il **n'a** vu *rien*.

(63) a. Je **n'ai** vu *quelqu'un/personne*.

b.*Je **n'ai pas** vu *quelqu'un/personne*.⁵⁵

⁵⁴ In Muller (1991: 321).

(64) * Je n'ai *personne* vu.⁵⁶

(65) *Aucun* garçon n'a dansé avec une fille.

A análise dos vários exemplos mostra que existe sempre a co-ocorrência de dois elementos negativos no mesmo domínio sintático. Em todas as frases **ne** parece ser uma presença constante, não sendo, no entanto, suficiente para que estejamos perante uma frase negativa, uma vez que, como podemos ver nos exemplos (56b) e (57b), a ausência de **pas** torna a frase agramatical.

Não podemos ainda esquecer que, no Francês coloquial, **ne** muitas vezes fica por dizer. O exemplo (66) mostra que ainda existem, em Francês, palavras com valor inerentemente negativo ao ponto de sozinhas serem capazes de substituir toda uma frase negativa, tendo, por outro lado, a possibilidade de serem interpretadas como palavras positivas noutros contextos, como em (67a) e em (68a). Porém, uma frase como (68b) será bem mais natural. (68b), contrariamente a (70a) tem uma leitura negativa.

(66) Qu'a-t-elle dit? – *Rien*.

(67) a. S'elle fait *rien* qui te déplaît.

b. S'elle fait des choses qui te déplaisent.

(68) a. Tu avais *jamais* vu ça ?

b. Tu n'avais *jamais* vu ça.

Um exemplo como (69) constitui a prova clara de que é necessária a presença de **ne** para que todo o domínio frásico esteja sob escopo da negação de forma a tornar a frase negativa.

⁵⁵ In Muller (1991: 103).

⁵⁶ Apesar de ser uma frase agramatical, ela pode ser ouvida a nível regional.

(69) a. Je me demande si j'ai *jamais* lu *aucun* livre de cet auteur.⁵⁷

pergunto-me se alguma vez li algum livro deste autor

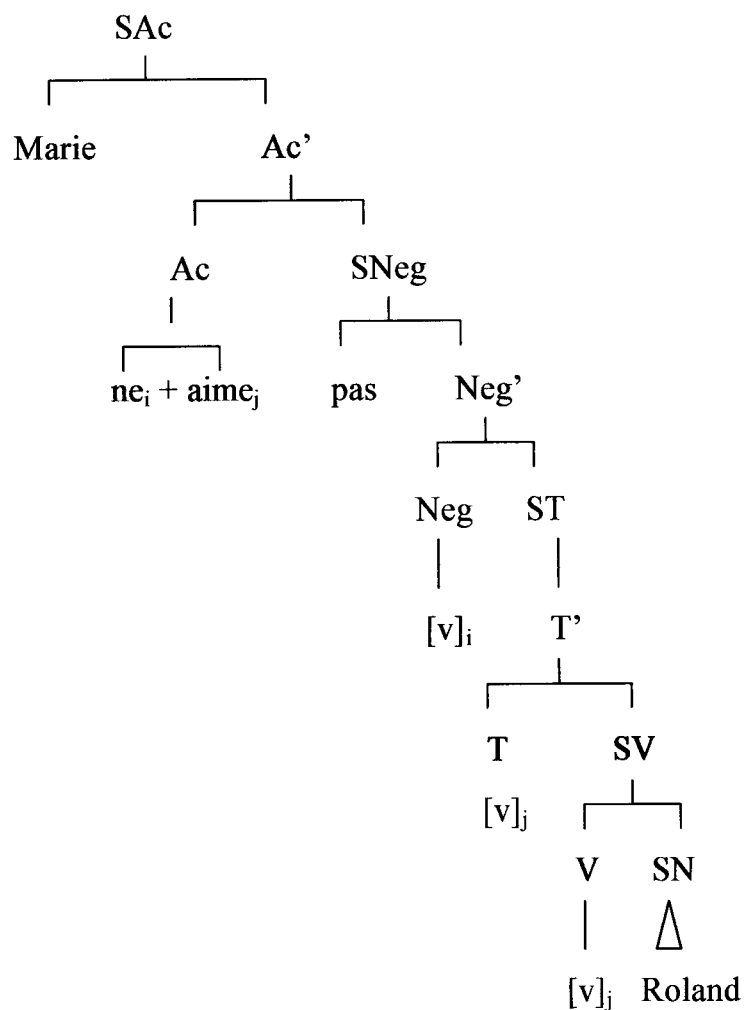
b. Je me demande si je n'ai *jamais* lu *aucun* livre de cet auteur.

pergunto-me se nunca li nenhum livro deste autor

Pensamos que a análise que melhor capta a sintaxe das frases negativas em Francês se situa na linha de Pollock (1989). Assim, em termos estruturais, uma frase como (70a) poderá ser representada como (70b), onde **ne** é o núcleo de SNeg, **pas** ocupa a posição de especificador de SNeg, o verbo move-se para T e **ne**, sendo clítico, move-se para junto de V, amalgamando-se ao verbo.

(70) a. Marie n'aime pas Roland.

b.



⁵⁷ Exemplo retirado de Milner (1979:81) in Martins (1997:196).

Vemos assim que, numa língua em que há duplicação, redobro da negação como no Francês, a palavra negativa que redobra o significado de **ne** ocupa a posição de especificador de SNeg. Esta situação parece igualmente verificar-se em Afrikaans.

3.3.3. Em Afrikaans

Embora sendo línguas distintas, uma germânica e a outra românica, o Afrikaans e o Francês aproximam-se por terem uma negação por duplicação, isto é, apresentam ambas uma partícula que serve de reforço à negação. Se, por um lado, são línguas que se enquadram no mesmo grupo do Português, uma vez que também manifestam o fenómeno de Concordância Negativa, por outro lado, afastam-se no que diz respeito à posição que os seus elementos negativos parecem poder ocupar na estrutura da frase. A análise que faremos de frases em Afrikaans será parcialmente aproximada da abordagem à estrutura das frases negativas em Francês. Será, no entanto, melhor tecer, em primeiro lugar, algumas considerações sobre a natureza desta língua.

3.3.3.1. Algumas considerações sobre o estatuto sócio-histórico-cultural do Afrikaans

O Afrikaans, falado actualmente por cerca de sete milhões de pessoas em África do Sul, Namíbia e Botswana⁵⁸, teve a sua origem na colónia do Cabo estabelecida pela *Companhia Holandesa das Índias Orientais* perto de Table Bay, no cabo Oeste de África do Sul. O seu vocabulário saiu quase exclusivamente do Holandês, juntamente com alguns empréstimos do Inglês, do Banto, Khoisan e outras línguas de contacto⁵⁹. No entanto, no que concerne

⁵⁸ Fonte: <http://www.sil.org/ethnologue/countries/Sout.html#AFK>.

⁵⁹ Por língua de contacto entenda-se “a situation in which the speakers of one language are familiar in some way with another. [...] contact itself is not change.” - Harris and Campbell (1995:51) in Arthur Bell (2001:1) versão PDF. Poderá, no entanto, ser motivo para que a mudança ocorra.

à estrutura gramatical, o Afrikaans diverge do Holandês, nomeadamente no que diz respeito ao facto de apresentar Concordância Negativa do marcador negativo pré-verbal (um advérbio negativo ou um quantificador negativo) com uma partícula negativa pós-verbal.

De acordo com A. Bell (2001), esta característica terá vindo da influência da língua Khoisan, falada nos arredores do Cabo, e que também apresenta uma partícula negativa pós-verbal. Defende, por isso, que a Concordância Negativa do Afrikaans terá sido uma “interferência gramatical” advinda do contacto com a língua Khoisan.

Para entender a origem do Afrikaans é preciso ter em conta o contexto social da época e as influências “sofridas” por esta língua. Dados históricos provam que os holandeses mantinham relações económicas com os Khoikhoi do Cabo, falantes das línguas Khoisan, como o Khoekhoe e o Korana. O comércio era intenso e os Khoikhoi tornaram-se cada vez mais dependentes da nova economia trazida pelos holandeses, como se pode ver neste excerto de Elphick 1989.

(71) “By the mid-1690s some Khoikhoi were in permanent employment and lived with their families and livestock on the farmer’s land, but in their own huts. In the early eighteenth century, if not before, servants were given space in one of the masters’ main buildings.” (Elphick 1989: 17).⁶⁰

Com o contacto social veio o contacto de línguas, que trouxe consigo algumas mudanças, tanto no aspecto lexical como no aspecto gramatical da língua-base. Bell fala do Afrikaans como um “semi-crioulo”, isto é, apesar dos factores sócio-históricos que mostram um grande contacto entre os holandeses e os nativos, não houve nenhuma instabilidade na comunidade linguística de forma a causar mudanças significativas que interferissem na aprendizagem da L1

⁶⁰ In A. Bell (2001: 4)

(Língua Materna) das crianças holandesas do Cabo, o mesmo é dizer que não houve nenhuma quebra radical na transmissão de uma geração para a outra, de forma a que se criasse um crioulo.

Mas, por outro lado, este corpo estável de holandeses já não fala a mesma língua, fala Afrikaans, porque os seus filhos foram criados e ensinados nas suas primeiras aquisições por criados e escravos que falavam mal o Holandês, dando origem a uma aquisição “imperfeita” da língua e ao aparecimento de uma variante linguística que não coincide com essa língua materna. A partir de uma certa altura, estas línguas fundiram-se e certas características de crioulo começaram a aparecer no que antes havia sido o Holandês, uma delas terá sido o fenómeno da Concordância Negativa e a existência de um marcador negativo pós-verbal.

3.3.3.2. Análise de alguns aspectos sintácticos da negação

Para fazer o tratamento sintáctico das frases negativas em Afrikaans temos de ter em conta pelo menos dois factores: primeiramente, tendo tido origem no Holandês, será de esperar que seja uma língua com a ordem de palavras SOV e que exiba o efeito de “Verb-second”(V2)⁶¹, característica encontrada em todas as línguas germânicas, excepto no Inglês moderno. Em segundo lugar, não podemos esquecer que esta língua sofreu um processo de transformação que, de certa forma, a afastou de outras línguas germânicas.

A análise de frases em Holandês permite verificar que esta é uma língua de polaridade, no que diz respeito à negação.

⁶¹ Este constrangimento implica que o verbo finito apareça imediatamente depois do primeiro constituinte numa frase finita declarativa. O primeiro constituinte pode ser ou um sujeito, ou um complemento ou ainda um elemento adverbial.

Por exemplo, a expressão *ook maar* em Holandês apenas pode ocorrer sob escopo de uma expressão negativa, sendo uma frase como (72a) agramatical:

(72) a. *Weinig kinderen hebben *ook maar* iets gezien. (Jackson 1997:97)⁶²
poucas crianças aux alguma coisa/nada viram

b. *Niemand* geeft een kind *ook maar* iets waaraan het zich kan bezeren.
Ninguém dá a uma criança alguma coisa/nada com que aux se poder ferir

Pelo contrário, o Afrikaans manifesta claramente Concordância Negativa, uma vez que, tal como acontece em Português, é possível a co-ocorrência de vários elementos negativos para formar uma mesma instância da negação. Vejam-se os seguintes exemplos:

(73) Maar vandag is daar **niks** roomys vir **niemand nie**.

Mas hoje existir nada gelado para ninguém neg.

Mas hoje não há gelado para ninguém neg.

(74) **Niemand** eet **niks** op die tafel **nie**.

Ninguém come **nada** da mesa **neg**.

Ninguém come **nada** da mesa **neg**.

Assim, o Afrikaans parece ser, à semelhança do Francês, uma língua em que as partículas negativas pré-verbais são “reforçadas” pela presença de uma partícula negativa pós-verbal, dando lugar à Concordância Negativa. Pertence, por isso, à classe de línguas em que dois elementos negativos precisam de co-ocorrer para negar uma oração, em particular **nie...nie**, para expressar a negação, tal como se pode ver nas frases (75) e (76):

⁶² In Martins (1994:186)

(75) Die hond sit **nie** onder die boom **nie**.

O cão senta **não** debaixo da árvore **neg**.

O cão **não** se senta debaixo da árvore.

(76) a. Johan het **nie** Maria gesien **nie**.

João *aux.* **não** Maria viu **neg**.

O João **não** viu a Maria.

b. Johan het **niks** gesien **nie**.

João *aux.* **nada** viu **neg**.

O João **não** viu **nada**.

Por outro lado, como se pode verificar pelos exemplos (77a) e (77b) e (78 a) e (78 b), **nooit** (*nunca*) reforça a negação; no entanto, em Afrikaans, **nooit** e **nie** (pré-verbal) nunca co-ocorrem:

(77) a. Johan het **nie** na die fliek gegaan **nie**.

João *aux* **não** ao cinema ir **neg**.

O João **não** foi ao cinema.

b. Johan het **nooit** na die fliek gegaan **nie**.

João *aux* **nunca** ao cinema ir **neg**.

O João **nunca** foi ao cinema.

(78) a. Ek speel **nie** tennis **nie**.

Eu jogo **não** ténis **neg**.

Eu **não** jogo ténis.

b. Ek speel **nooit** tennis **nie**.

Eu jogo **nunca** ténis **neg**.

Eu **nunca** jogo ténis.

(79) *Johan **nie** het **nooit** na die fliek gegaan **nie**.

Trata-se pois de uma língua de Concordância Negativa, uma vez que o marcador **nie** e palavras negativas co-ocorrem sem que se anule a leitura negativa da frase, isto é, os vários constituintes exprimem-se como uma instância da negação. Disto é exemplo uma frase como (80). Porém, diferentemente do Português⁶³, o sujeito negativo **niemand** nunca ocorre junto a outro constituinte negativo. Construções como (81) e (82) não são gramaticais em Afrikaans. Por outro lado, nas frases (83a) e (83b) podemos verificar que **nie** pré-verbal não pode co-ocorrer com outra palavra negativa, ainda que seja uma palavra negativamente prefixada como *onmoontlik*.

(80) **Nooit** het *niemand* na die fliek gegaan **nie**.

Nunca aux *ninguém* ao cinema ir **neg**.

Nunca *ninguém* foi ao cinema.

(81) ***Nooit niemand** gaan na die fliek **nie**.⁶⁴

Nunca ninguém ir ao cinema **neg**.

Nunca ninguém vai ao cinema.

(82) ***Niemand nooit** gaan na die fliek **nie**.

Ninguém nunca ir ao cinema **neg**.

Ninguém nunca vai ao cinema.

(83) a. *Dit is *onmoontlik* **nie** om **iemand** te sien **nie**.

É impossível **não** alguém ver **neg**.

É impossível **não** ver *alguém*.

⁶³ Contra princípios de economia, em Português são perfeitamente possíveis frases como (i) e (ii):

(i) Nunca ninguém veio a este cinema.

(ii) Nunca nada foi feito pelo António.

⁶⁴ Este tipo de frases parece ser possível na oralidade e poderá estar relacionado com o facto de esta língua ter características de semi-crioulo.

b. Dit is *onmoontlik* om *iemand* te sien **nie**.

É impossível alguém ver **neg**.

É impossível **não** ver **alguém**.

(84) Dit is *onmoontlik* om **niemand** te sien **nie**.

É impossível **ninguém** ver **neg**.

É impossível **não** ver **ninguém**.

As palavras negativas pertencem a duas categorias sintácticas distintas: as palavras negativas do tipo de *niks*, *nêrens*, que ocorrem sempre numa posição acima de SV, e que são categorias lexicais (nominais/quantificacionais), facto que pode ser provado pela anteposição de advérbios, como se pode ver em (85). A sua omissão de uma frase resulta em agramaticalidade:

(85) a. Jan sê dat hy **absoluut niks** onthou **nie**.

O Jan diz que ele **absolutamente nada** lembra **neg**

O Jan diz que não se lembra absolutamente de nada.

b. *Jan sê dat hy onthou **nie**.

A partícula **nie** final, por seu turno, é um advérbio com valor funcional. É invariável, e não pode ser modificada por advérbios. A omissão desta partícula não tem impacto no significado da frase.⁶⁵

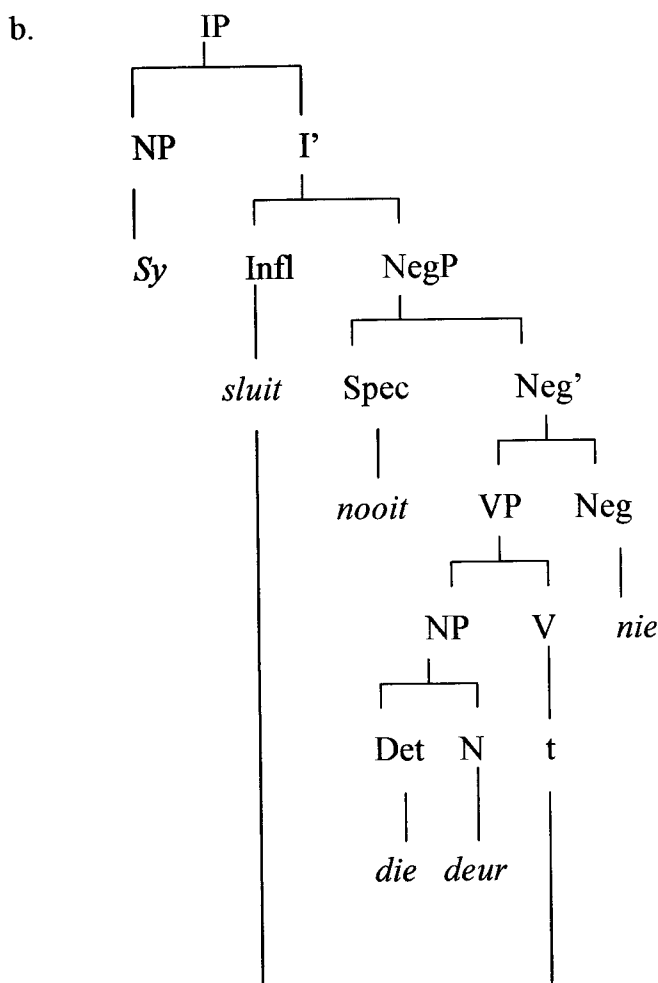
Para definir a posição estrutural deste **nie** final, Bell (2001) adopta a perspectiva de Oosthuizen (1998) de que **nie** é um item funcional. Adoptando o tratamento de Pollock (1989), **nie** final estará numa posição de núcleo de SNeg, enquanto as palavras negativas lexicais ocupam a posição de especificador desta mesma projecção. Esta abordagem permite manter a relação especificador-núcleo entre as palavras negativas e o **nie** em posição final,

⁶⁵ Alguns autores referem que na oralidade, em certos contextos, há uma tendência para a suprimir.

essencial no licenciamento da Concordância Negativa, segundo o autor. Propõe, então, a estrutura (86b) para uma frase como (86a)⁶⁶. Assinale-se que Bell admite que o Afrikaans é uma língua mista, do ponto de vista do parâmetro do núcleo, o que permite propor que em SNeg o núcleo é final, mas em SFlex o núcleo é inicial.

(86) a. Sy sluit **nooit** die deur **nie**.

Ela tranca **nunca** a porta **neg**



Como mostra a estrutura, o verbo move-se de dentro de VP para Infl na estrutura de superfície para satisfazer a condição “Verb-second” em Afrikaans. A ordem de palavras é obtida colocando a partícula negativa final **nie** no

⁶⁶ Exemplo e estrutura retirados de Bell (2001:15).

núcleo de Neg, com o complemento VP seleccionado à esquerda. O autor defende esta posição dizendo que o Afrikaans, dado o seu estatuto de semi-crioulo, tem um comportamento misto.

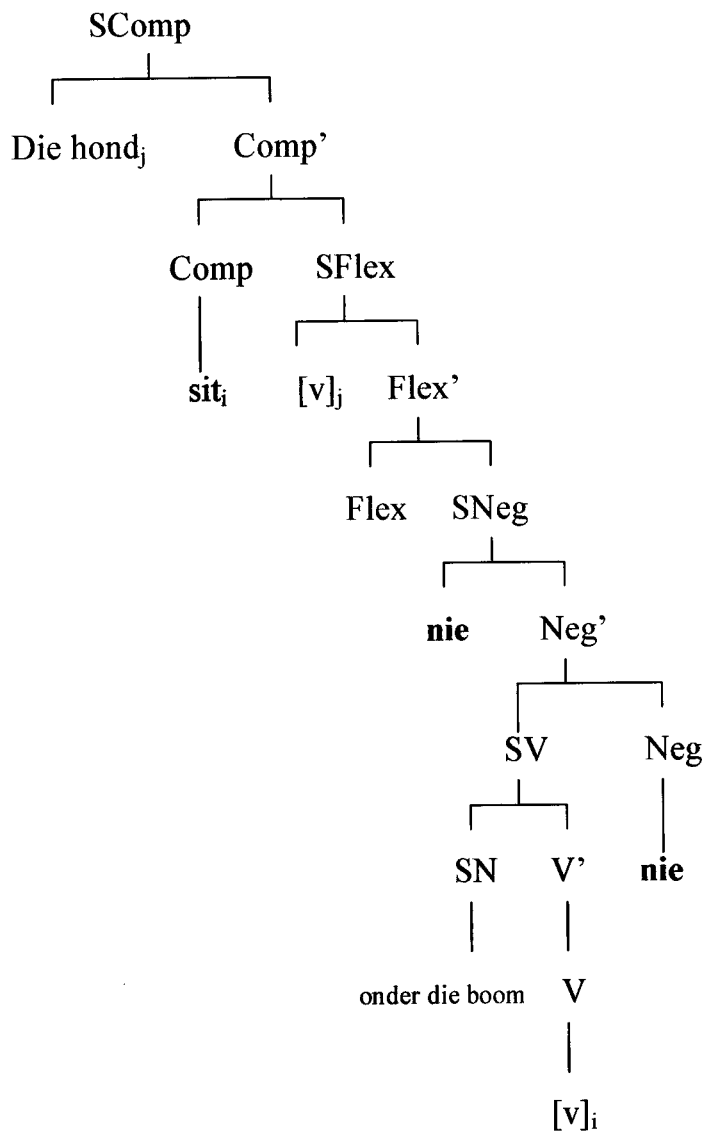
Da análise de Bell vamos reter os seguintes aspectos:

- o **nie** final é o núcleo funcional de SNeg;
- certas palavras negativas, como **nie**, **nooit**, estão em [Esp, SNeg];

Tendo constatado que o Afrikaans é uma língua influenciada pelo Holandês, que é uma língua SOV e “V2”, e que sofreu a influência de outras línguas de origem africana, podendo, por isso, ser considerada uma língua mista, como defende Bell, vejamos que possibilidades temos de fazer uma análise semelhante àquela que fizemos para o Português, tendo sempre em conta que se trata de uma língua com características que a aproximam de línguas como o Holandês e o Alemão.

De novo, defendemos que o marcador de negação ocupa a posição de núcleo de SNeg, podendo ser reforçado por **nie** ou **nooit** em [Esp, SNeg]; que palavras negativas como **nooit** (= nunca) podem igualmente ocupar posições de adjunção próprias de advérbios; que as palavras negativas como **niemand** e **niks**, se forem sujeito ou objecto, ocupem posições argumentais. Assim, à luz do tratamento clássico das línguas “V2”, vejamos como se poderia analisar uma frase como (87):

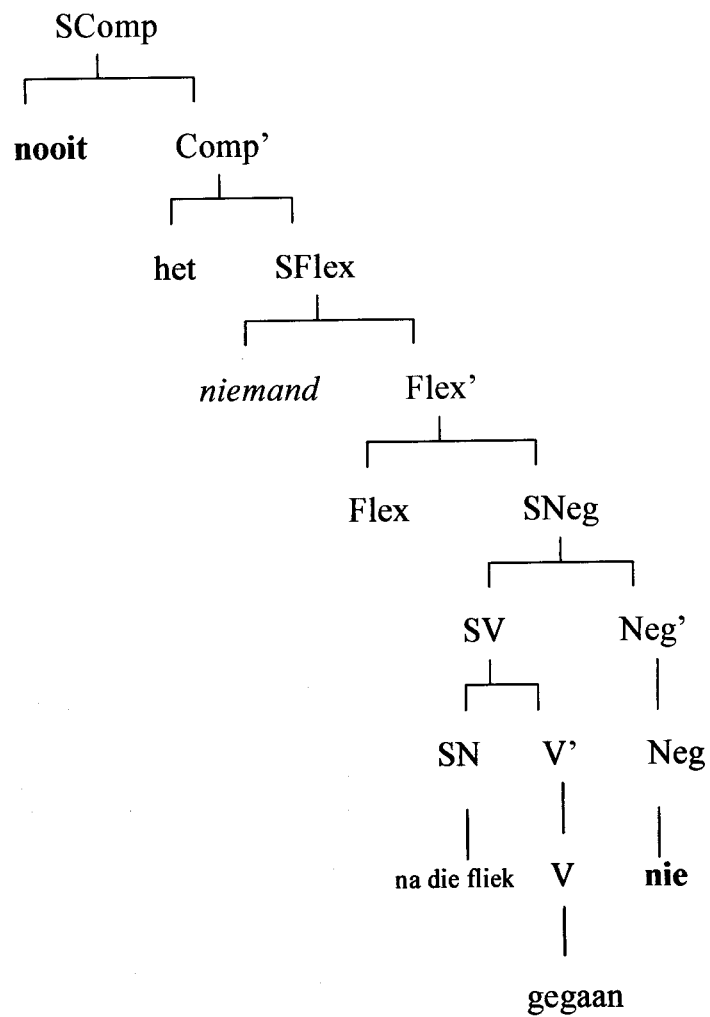
(87) Die hond sit **nie** onder die boom **nie**.



Sendo o Afrikaans uma língua “V2”, o verbo está em Comp na estrutura final e a primeira posição, [Esp, SComp] é ocupada pelo sujeito, pelo objecto ou por um advérbio.

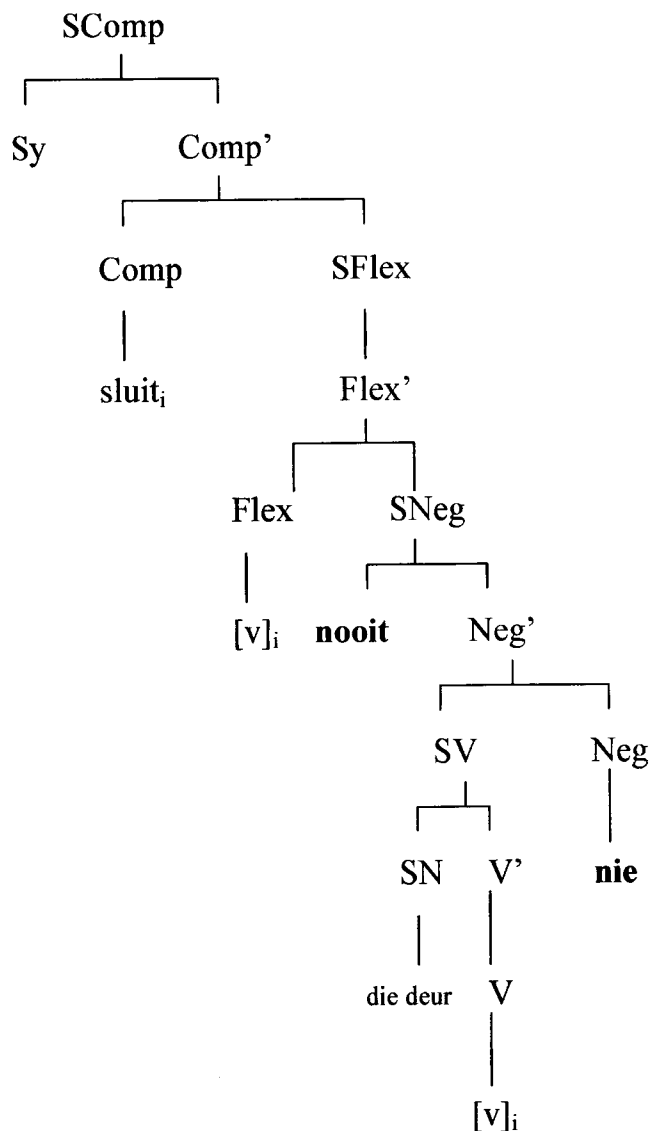
Numa frase como (88) não há movimento do verbo porque é o verbo auxiliar que ocupa Comp.

(88) **Nooit** het *niemand* na die fliiek gegaan **nie**.



Em (89), **nooit** já não aparece em posição inicial de frase e, por isso, deverá ocupar a posição de [Esp, SNeg] à semelhança de **pas** em Francês.

(89) Sy sluit **nooit** die deur **nie**.



Da análise destas frases podemos concluir que o Afrikaans exhibe dois aspectos linguísticos divergentes do Holandês: a presença de Concordância Negativa e a realização explícita do núcleo de SNeg através de uma partícula negativa que aparece sempre em posição de fim de frase, sendo reforçado por outro **nie** ou por um advérbio, na posição de especificador de SNeg.

Por outro lado, o Afrikaans sendo uma língua SOV que exhibe o efeito “V2”, tem como exigência que o verbo ocupe a segunda posição da frase.

CONCLUSÕES:

Ao longo desta dissertação, procurámos tratar algumas questões ligadas à sintaxe da negação.

No capítulo um, descrevemos, de modo informal, as principais problemáticas que a negação levanta em várias línguas.

No capítulo dois, aceitando o quadro teórico da Teoria de Princípios e Parâmetros, discutimos as estruturas sintácticas da negação frásica e da posição dos sujeitos negativos em Português, tendo proposto que se justifica a existência de um S_{Neg} e que as palavras negativas sujeitos ocupam uma posição argumental, de especificador de S_{Ac} (ou S_{Flex}).

O fenómeno da Concordância Negativa foi o objecto de análise do terceiro capítulo. Tendo começado por, uma vez mais, distinguir Concordância Negativa e Dupla Negação, procurámos dar conta de alguns tratamentos do fenómeno da Concordância Negativa, em particular dos autores portugueses que se têm debruçado sobre esta questão.

Finalmente, analisámos três línguas, o Português, o Francês e o Afrikaans. A razão dessa escolha residiu no facto de o Português, por um lado, e o Francês e o Afrikaans, por outro, representarem dois tipos diferentes de Concordância Negativa, de acordo com Van der Wouden e Zwarts (1993).

Segundo a análise destes autores, podemos dizer que estivemos perante dois tipos distintos deste fenómeno. Por um lado, línguas como o Português representam aquilo a que o autor chamou de “negative spread”, isto é, o fenómeno que consiste no facto de os traços negativos estarem espalhados ou distribuídos por várias expressões negativas. Neste tipo de Concordância

Negativa, as palavras negativas ocupam várias posições de acordo com as suas funções sintáticas e temáticas.

Assim, em línguas de “negative spread”, como o Português, considerámos que as palavras negativas ocupam as posições correspondentes às suas funções sintáticas e semânticas. Em particular no capítulo dois, ponto 2.3, já tínhamos procurado defender que, de facto, se uma palavra negativa é sujeito da frase, então deverá ocupar a posição argumental correspondente, visto tratar-se de um argumento do verbo. Se **nunca**, para além de advérbio negativo, tem marcas temporais/aspectuais, então também deverá ocupar posições próprias de advérbios da sua natureza, em particular, a de adjunto.

O “espalhamento” da negação, de que falam van der Wouden e Zwarts, por vários elementos negativos não causa o cancelamento da negação, uma vez que acreditamos entrar em processo um mecanismo de absorção dos traços negativos desses mesmos elementos.

Por outro lado, línguas como o Francês padrão e o Afrikaans apresentam casos típicos de “negative doubling”, onde um elemento negativo é sempre reforçado/duplicado por outras expressões negativas. Existe um SNeg e uma posição de núcleo ocupada por uma partícula negativa e existe ainda uma posição de especificador que poderá ser ocupada por diferentes palavras negativas.

Do ponto de vista semântico, o fenómeno da Concordância Negativa, nos dois tipos referidos, processa-se por um mecanismo de Absorção-NEG, como vimos anteriormente.

Do nosso ponto de vista, uma das grandes questões que se coloca quanto ao estudo da Concordância Negativa, parece-nos residir nas diferenças relacionadas com a natureza da negação, isto é, temos que ter em atenção se

estamos perante uma negação licenciada por um marcador negativo, um elemento [neg forte] e que por si só é capaz de tornar negativa uma frase, como é o caso de **não** ou se estamos perante casos de marcadores de negação que precisam de ser duplicados, reforçados, como é o caso do Francês e do Afrikaans.

BIBLIOGRAFIA

BELLETTI, Adriana (1990): *Generalized Verb Movement – Aspects of Verb Syntax*. Rosenberg & Sellier, Torino.

BOSQUE, Ignacio & **DEMONTÉ**, Violeta (1999): *Gramática Descriptiva de la Lengua Espanola* – vol II pp. 2561- 2634. Espasa Calpe. Madrid.

BOUCHARD, Denis (1997): “The Syntax of Sentential Negation in French and English” in **FORGET**, **HIRSCHBUHLER**, **MARTINEAU**, **RIVERO**, (orgs) (1997), pp. 29-52.

BRITO, Ana Maria (1999): *Os Estudos de Sintaxe Generativa em Portugal nos Últimos Trinta Anos*. Associação Portuguesa de Linguística. Braga.

CHOMSKY, Noam (1995): *The Minimalist Program*. MIT. Cambridge; tradução portuguesa de **RAPOSO**, Eduardo Paiva (1999): *O Programa Minimalista*. Lisboa. Editorial Caminho.

COSTA, João (1998): *Word Order Variation – A constraint-based approach*. Holland Institute of Generative Linguistics. Holland Academic Graphics. The Netherlands.

COSTA, João (1998): *Sujeitos em Português Europeu – “Relevância do seu comportamento para decisão entre modelos teóricos concorrentes”* – Texto submetido à APL para o Prémio de Linguística APL 1998.

CUNHA, Celso & **CINTRA**, Lindley (1989): *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Livraria Figueirinhas. Lisboa.

DÉPREZ, Viviane (1997): “A Non-Unified Analysis of Negative Concord”, in **FORGET**, **HIRSCHBUHLER**, **MARTINEAU**, **RIVERO**, (orgs) (1997), pp. 53 – 74.

DUCROT, Oswald (1972): *Dire et ne pas dire*. Hermann. Paris.

ESPINAL, M. Teresa (1997): “Non-Negative Negation and Wh-Exclamatives”, in **FORGET**, **HIRSCHBUHLER**, **MARTINEAU**, **RIVERO**, (orgs) (1997), pp. 75 – 94.

FARIA, Isabel Hub (et al.) (1996): *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Editorial Caminho. Lisboa.

FIGUEIREDO, Olívia (1986): *Da Asserção Negativa à Refutação – Algumas Aportações à Pragmática da Negação em Português*. Porto.

FORGET, Danielle, **HIRSCHBUHLER**, Paul, **MARTINEAU**, France, **RIVERO**, Maria Luisa (orgs) (1997): *Negation and Polarity : Syntax and Semantics*. John Benjamin's Publishing Company. Amsterdam.

GAATONE, David (1971): *Étude Descriptive du Systeme de La Negation en Français Contemporain*. Librairie Droz. Genève.

GIANNAKIDOU, Anastasia e **QUER**, Josep (1997): "Long-Distance Licensing of Negative Indefinites", in **FORGET**, **HIRSCHBUHLER**, **MARTINEAU**, **RIVERO**, (orgs) (1997), pp. 95 – 113.

GONÇALVES, Fernanda (1994): *Negação Frásica em Português – Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa*.

HAEGEMAN, Liliane (1997): *The New Comparative Syntax*, Longman Linguistics Library. New York.

HAEGEMAN, Liliane (1995): *The Syntax of Negation*. C.U.P. Cambridge.

HAEGEMAN, Liliane, **GUÉRON**, Jacqueline (1999): *English Grammar – A Generative Perspective*. Blackwell Textbooks in Linguistics. Oxford.

HOEKSEMA, Jacob (1997): "Negation and Negative Concord in Middle Dutch", in **FORGET**, **HIRSCHBUHLER**, **MARTINEAU**, **RIVERO**, (orgs) (1997), pp. 139 – 156.

HORN, Laurence (1989): *A Natural History of Negation*. The University of Chicago Press. Chicago and London.

LADUSAW, William A. (1996): "Negation and Polarity Items" in **LAPPIN**, S. (org) (1996): *The Handbook of Contemporary Semantic Theory*, pp 321-341. Blackell. Oxford.

LAKA, Miren Itziar (1990): *Negation in Syntax: on the Nature of Functional Categories and Projections*. PhD Dissertation. MIT. Cambridge.

Les Negations. N° 94 da revista *Langue Française*. Larousse. Paris.

MARTINS, Ana Maria, (1997): "Aspectos da Negação na História das Línguas Românicas (Da natureza de palavras como Nenhum, nada, ninguém)". In *Actas do XII Encontro da APL*, vol II, pp 179-210. Lisboa.

MARTINS, Ana Maria (1994): *Clíticos na História do Português*. Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

MATEUS, Maria Helena, & **XAVIER**, Maria Francisca. (1992): *Dicionário de Termos Linguísticos*, vol.1. Associação Portuguesa de Linguística & Instituto de Linguística Teórica e Computacional. Edições Cosmos. Lisboa

MATEUS, M. Helena (et al.) (1989): *Gramática da Língua Portuguesa*. Edições Caminho. Lisboa.

MATOS, Gabriela (no prelo): “Negative Concord and the Scope of Negation”. Universidade de Lisboa, Departamento de Linguística da Faculdade de Letras.

MATOS, Gabriela: “Negative Concord and the Minimalist Approach”.- Texto apresentado no XXV Encontro di Grammatica Generativa e no IX Colloquium on Generative Grammar. Universidade de Lisboa, Departamento de Linguística da Faculdade de Letras.

MATOS, Gabriela (no prelo): “Aspectos Sintáticos da Negação”, a publicar na *Nova Gramática de Língua Portuguesa*. Editorial Caminho. Lisboa.

MULLER, Claude (1991): *La Negation en Français*. Librairie Droz. Genève.

PERES, João (1994): “Concordância Negativa Através de Fronteiras Frásicas” pp. 435-451 in *Actas do IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* –Edição subsidiada pelo Instituto de Inovação Educacional. Évora.

PERES, João (1995): "Extending the Notion of Negative Concord", in **FORGET**, **HIRSCHBUHLER**, **MARTINEAU**, **RIVERO**, (orgs) (1997), pp. 289 – 310.

POLLOCK, J.Y. (1989) *Verb Movement, Universal Grammar and the Structure of IP*. *Linguistics Inquiry*, pp365 – 425.

RENZI, Lorenzo, **SALVI**, Giampaolo (1991): *Grande Grammatica Italiana di Consultazione*, vol II, cap IV. Il Mulino. Bologna.

RAPOSO, Eduardo Paiva (1992): *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Editorial Caminho.

RICHARDS, Jack (et al.) (1997): *Longman Dictionary of Language Teaching and Applied Linguistics*. Longman. UK.

ROBBERS, Karin (1992) : “ Properties of Negation in Afrikaans and Italian ”. *Linguistics in the Netherlands*. Reineke Bok-Bennema & Roeland van Hout (orgs). John Benjamin’s Publishing Company. Amsterdam.

ROBERTS, Ian (1997): *Comparative Syntax*, p.269. New York.

ROWLET, Paul (1997): “Jespersen, Negative Concord and A’-Binding”, in **FORGET, HIRSCHBUHLER, MARTINEAU, RIVERO**, (orgs) (1997), pp. 323 – 340.

TESNIÈRE, Lucien (1969): *Éléments de Syntaxe Structurale*. Deuxième édition. Éditions Klincksieck. Paris

WOUDEN, Ton van der & **ZWARTS**, Frans (1993): “A Semantic Analysis of Negative Concord”. *Proceedings of the Third Conference on Semantics and Linguistic Theory*, pp. 202-219. Corwell University. New York.

ZANUTTINI, Raffaella. (1997): “Negation and Verb Movement”, in **HAEGEMAN** (org) (1997), pp. 1-25 e 215-245.

ZANUTTINI, Raffaella. (1994): “Re-examining Negative Clauses”, in Cinque, Koster, Pollock, Rizzi and Zanuttini (eds) *Paths Towards Universal Grammar*. Georgetown: Georgetown University Press.

<http://www.semanticsarchive.net/Archive/mEzODgoz/ladusaw.saltz.pdf>

<http://www.people.cornell.edu/pages/ajb32/pdf/Afrikaans.pdf>

<http://www.sil.org/ethnologue/countries/Sout.html#AFK>.

<http://www.swarthmore.edu/SocSci/Linguistics/Papers/Senior%2520Theses%25202001/sundaresanthesis.pdf>

<http://www.odur.let.rug.nl/makingsense/abs/molnarfi.html>

<http://www.disctionaries.travlang.com/englishafrikaans/>

<http://www.cyberserv.co.za/users/~jako/lang/afr.html>

<http://www.coli.uni-sb.de/~crysmann/papers/NC.html>

http://www.ims.uni-stuttgart.de/~tonhajh/paper_hpsg2000pdf